

# Influências indígenas e africanas no léxico do português do Brasil

Márcia Bernadete Neisnek Guerreiro



Dissertação Mestrado em Português Língua  
Segunda/Língua Estrangeira

---

Outubro de 2015.

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em em Português Língua Segunda/Língua Estrangeira realizada sob a orientação científica da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Maria Martinho Gale.

## **Dedicatória Pessoal**

À Deus que o meu maior auxílio

À minha família que está sempre presente

A comunidade lusobrasileira espalhadas pelo mundo

## **AGRADECIMENTOS**

À Professora Doutora Ana Maria Martinho Gale, pela sua incansável orientação e pelo seu conhecimento de linguística e suas correções e sugestões que muito me ajudaram na continuidade e finalização do meu trabalho.

À minha irmã Olga que sempre esteve disposta a me ajudar e me dar apoio, quer fosse emocional ou até mesmo para me fazer enxergar aquilo que eu não era capaz de ver sozinha.

À minha prima Rafaela Korpan que sempre me ajudou e esteve ao meu lado quando precisei.

Ao meu marido e filhos que foram compreensíveis e muitas vezes privados de minha companhia.

A todos os amigos que de alguma forma me ajudaram e me ouviram falar sobre o meu trabalho. Entre eles Daniela Souza, Teresa Martins, Cláudio Rosa.

Não menos importante, agradeço a todas as pessoas que de alguma forma me incentivaram à ir até o fim, independente das circunstâncias.

## Índice

Introdução	1
I-A influência das línguas africanas no léxico do português brasileiro	3
1-Lendas africanas no ensino do PLE	11
2- A importância da religião africana no português brasileiro	15
3- Danças de origem africanas no Brasil	20
4- Os instrumentos utilizados nos ritos e danças afros	24
5- A toponímia africana no estado de Minas Gerais	24
II- A influência das línguas indígenas no português do Brasil	28
1- A contribuição dos jesuítas para a alfabetização dos nativos brasileiros	31
2-Como se deu a entrada dos topónimos tupi- guaranis no português do Brasil?	33
3-O tupi na toponímia local	36
4- Fauna e flora	37
5- As principais gramáticas da língua geral do Brasil	40
III-Brasileirismos	42
1-O contributo dos brasileirismos para a língua portuguesa	43
Conclusão	53
Referências	55
Lista de tabelas	61
Tabela I- Os municípios do estado de Minas Gerais	61
Tabela II- Campo das Vertentes: relação de topónimos por municípios	61
Tabela III- Central Mineira: relação de topónimos por municípios	61
Tabela IV-Jequitinhonha: relação de topónimos por municípios	62
Tabela V-Os mamíferos indígenas do Brasil	62
Tabela VI- Aves terrestres	63
Tabela VII- Árvores de futo	63
Tabela VIII- Vegetais úteis	64

## **Resumo**

A partir da análise de alguns estudos sobre o léxico do português do Brasil, verifica-se que o contato entre os povos portugueses, africanos e indígenas provocou alterações significativas no léxico e na pronúncia brasileira. Neste trabalho, será importante demonstrar que o enriquecimento da língua portuguesa tem muito a ver com a entrada de brasileirismos nos dicionários portugueses, pois novas palavras foram acrescentadas devido à descoberta de novas espécies na fauna e flora brasileira. Também entraram muitos vocábulos que surgiram no contexto da escravidão brasileira e permanecem nos dicionários e costumes brasileiros. O Brasil herdou traços da cultura negra e muitos vocábulos que nomeiam danças, pratos utilizados nas oferendas religiosas, instrumentos musicais, lendas, nomes de rios, montanhas, vales e cidades de alguns estados brasileiros. Neste trabalho deu-se especial importância aos toponímicos existentes na região mineira.

*Palavras-chaves:* Africanismos, brasileirismos, lexico, fonética, toponímia.

## **Abstract**

From the analysis of several studies about lexicon Brazilian Portuguese, it turns out that the contact between the Portuguese, African and indigenous people caused significant changes in the lexicon and the Brazilian pronunciation. In this work it will be important to demonstrate that the enrichment of the Portuguese language is also due to “Brazilianisms” in Portuguese dictionaries because new words have been added due to the discovery of new Brazilian species of flora and fauna. In addition, many words have arisen in the context of Brazilian slavery and remain in dictionaries and Brazilian customs. The Brazil inherited traits of African culture and many words that gave style to dances, dishes used in religious offerings, musical instruments, legends, rivers, mountains, valleys and cities of some Brazilian states. In this thesis special importance was given to the existing names of regions in the Brazilian state of Minas Gerais.

*Keywords:* Africanism, brazilianisms, lexicon, phonetics, toponymy.

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

Bras.- Brasileirismo

Guar. - Guarani

L1- primeira língua

L2- segunda língua

MEC- Ministerio de Educação e Cultura

PB- português do Brasil

PE- português europeu

PLE-português como língua estrangeira

Port.- português

Zool. - Zoologia

# Influências indígenas e africanas no léxico do português do Brasil

## Introdução

Este trabalho centra-se basicamente na evolução do Português do Brasil e nas alterações fonéticas e lexicais produzidas pelo contato com línguas africanas e indígenas, pois estes povos mantiveram contato e se misturaram com os portugueses. Deste modo, nasceu uma nova versão da língua portuguesa, pois a pronúncia foi alterada pela influência de novas formas de falar as palavras levadas pelos portugueses ao Brasil no século XVI.

Duas culturas estão na base da formação do PB, pois estes povos também estavam presentes no começo da história brasileira: os índios, por serem nativos e por transmitirem aos portugueses os seus costumes, gostos e língua e os africanos, que foram levados ao Brasil como escravos e para servirem os brancos nas suas colheitas e exploração das Minas Gerais, onde havia muito ouro. A permanência dos negros no nordeste e sudeste brasileiro contribuiu para o enriquecimento vocabular do PB<sup>1</sup>, deixando traços na fonética e no léxico.

Quanto aos africanismos que entraram no português via Brasil, vale destacar as palavras provenientes das nações africanas que mais influenciaram a cultura e o léxico brasileiro. Neste contexto, destacam-se a cultura angolana e nigeriana, pois ambas enriqueceram os costumes, a culinária, a religião, as danças e as músicas brasileiras. Estes traços culturais e lexicais intensificaram-se nas regiões onde os povos africanos se mantiveram por mais tempo e deixaram, através dos seus descendentes, os seus sabores e costumes que até hoje permanecem no Brasil e são identificados como cultura afro-brasileira. A pronúncia recebeu influência africana no modo de falar, pois nota-se que em algumas regiões brasileiras não se pronunciam os finais das palavras, eliminam-se os ditongos intervocálicos. Isso não significa falta de cultura dos negros, mas uma aprendizagem deficiente no contexto de aquisição de uma L2<sup>2</sup>, sem acesso a forma escrita e sem conhecimento das regras gramaticais portuguesas. Nota-se que a

---

1 Português do Brasil

2 L2- língua segunda



redução na pronúncia dos pronomes de tratamento também é muito importante no PB: “grandemente alterados em virtude da próclise: ioiô, iaiá, sinhâ, sinhô, nhâ, nhô.” (Mendonça: 1935: 122).

A influência indígena também é muito importante para a história do Brasil, pois deixou as suas marcas nos lugares por onde passavam os bandeirantes e Tupinambás quando demarcavam a posse das terras brasileiras. A língua dos tupinambás foi a mais falada no Brasil durante dois séculos e até mereceu o título de língua geral ou brasílica. Assim, muitas localidades, montes, vales e rios receberam denominações tupis. Nota-se a presença de traços toponímicos, principalmente nas regiões do Paraná e São Paulo, embora também se reconheçam nomes tupis em outros estados brasileiros como Alagoas e Rio de Janeiro. Neste sentido, merece destaque o estudo feito por Dick (2002-2003)<sup>3</sup> sobre a toponímia tupi-guarani nos estados do Sul e Sudeste brasileiro, onde a presença dos Tupinambás era mais significativa. Inclusive o nome do estado do Paraná e de sua capital Curitiba levam topónimos tupi na sua composição, não se esquecendo do caminho de Piaburú que era uma rota interna e secreta dos povos indígenas. No capítulo referente a influência tupi – guarani destaca-se: a importância do tupi na toponímia local, as gramáticas criadas pelos jesuítas e adaptadas de acordo com a gramática do português, a alfabetização e a evangelização das crianças indígenas.

Por fim, destacam-se os *brasileirismos*, ou seja, palavras que nasceram no Brasil e foram adicionadas ao léxico português. Estes vocábulos aparecem com a sigla (Bras.) nos dicionários *Tomo I e Tomo II* e *Dicionário de Vocábulos Brasileiros (1899)*. Nota-se que a maioria dos vocábulos foi acrescentada aos dicionários devido à grande diversidade de espécies presentes na fauna e flora brasileiras. Há ainda aquelas que denominavam costumes até então inexistentes na cultura portuguesa. Neste sentido, destacam-se as palavras de Carmo (s.d: 162). “Como se fala no Brasil e não como se escreve em Portugal, ou seja, o lexicógrafo deixa explícito neste enunciado que existem diferenças entre a língua portuguesa do Brasil e a de Portugal.”

---

3 Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (USP) (2002-2003). A *Toponímia Carioca e Paulistana*. Disponível em [http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ10\\_123-141.html](http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ10_123-141.html), [consultado em 23-06-2015].

## **Capítulo I-A influência das línguas africanas no léxico do português do Brasil**

Conforme Mendonça (1935:46), em 1538 entraram no Brasil os primeiros escravos africanos provenientes da Guiné. Eles foram levados pelo navio de Jorge Lopes Bixorda, então arrendatário da colônia portuguesa. Em 1585 havia cerca de 14.000 escravos africanos no Brasil. A maioria deles, aproximadamente 10.000, foi levada para Pernambuco, mais de 3.000 para a Bahia e alguns deles para o Rio de Janeiro. Segundo Lucchesi<sup>4</sup>, a entrada dos escravos negros no Brasil aconteceu por ciclos: 1º o ciclo da Guiné no século XVI, a seguir o ciclo do Congo no século XVII, donde vêm os angolanos que são de origem banta. Portanto, o banto é a língua africana mais antiga do Brasil. Na Bahia, depois dos bantos, predominaram os iorubas ou nagôs, provenientes do oeste-africano. Escreve Mendonça (1935:78) que “os negros da Guiné predominaram na Bahia”.<sup>5</sup> Passaram-se três séculos até à abolição da escravidão no Brasil, até que o tráfico negreiro fosse proibido em 7 de novembro de 1831. No entanto, a escravidão continuou e foram necessárias algumas leis para que os escravos brasileiros fossem libertados. A fim de proibir os filhos dos escravos em sua maioria, foi aprovada a Lei do ventre livre em setembro de 1871. A seguir, foi promulgada a Lei dos sexagenários que proibia a escravidão dos negros com mais de 60 anos. Somente a lei Áurea, promulgada em 1888, foi suficientemente forte para acabar com a escravidão.

Segundo Mendonça (1935:49), entraram no Brasil africanos de várias origens: “Os mercados da Serra Leoa, de S. Luís, da Gâmbia, de Angola e de Benguela, protegidos por outros tantos fortes, abasteciam os navios negreiros”. Estes povos não tiveram oportunidade de voltar às suas terras e, para manter o contato com as suas origens, reproduziram os seus costumes e crenças, deixando as suas marcas na cultura brasileira. Mendonça (1935:75) refere que os negros brasileiros são de várias origens: “O valor das estatísticas aduaneiras – Denominações confusas dos negros do Brasil – procedências variadíssimas dos negros brasileiros: Sudaneses e bantos - Pernambuco,

---

4 Dante Lucchesi (s.d.) Africanos, criolos e a língua portuguesa. Disponível em

<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/209/1/O%20Portugues%20Afro-Brasileiro.pdf> [consultado em 17-06-2014]. Pg.169.

5 Apud. A Hist. do Brasil Tomo II págs. 515-517.

Baia e Rio: focos disseminadores do escravo preto...”, mas Rodrigues (1935:40) refere que: “ A importação dos negros super-equatoriais para a Bahia era muito superior a dos negros bantos”. Para Mendonça (1935:83), embora exista grande diversidade linguística e cultural, permaneceram na Bahia em maior quantidade negros sudaneses e nagôs. Algumas das línguas africanas foram adoptadas como línguas gerais na Bahia e quimbundo no norte e sul:

Temos provas que foram faladas no Brasil as seguintes línguas: Nagô ou ioruba, quimbundo, gegê ou ewe, kamuri, tapa ou nijê e gurancis, provas estas que constam de vocabulários dessas línguas coligidas pessoalmente por Nina Rodrigues e outros. [...] duas foram adoptadas pelos negros do país como línguas gerais: O nagô ou ioruba na Baía e o quimbundo no norte e no sul. (Mendonça, 1935: 83)

De acordo com o autor, a língua dos iorubas e a dos nagôs são da mesma origem. Devido a essa proximidade os seus falantes conseguiam comunicar entre si facilmente.

Geralmente, os imigrantes interagem com indivíduos da própria cultura e língua, formando uma comunidade com membros da terra natal, onde os costumes e a cultura das suas terras continuam a ser praticados, evitando a extinção das suas identidades e a revitalização da cultura materna. Os negros foram misturados para evitar rebeliões, mas eles procuraram a convivência com indivíduos da própria nacionalidade ou de culturas mais próximas, fazendo, deste modo, a reconstituição das suas memórias culturais. No período da escravatura, a cultura brasileira estava em formação e os povos que conviviam nessa época, indígenas, portugueses e africanos, construíram o que hoje é chamado de cultura brasileira. Naquele tempo, as línguas bantas que possuíam mais falantes passaram a servir de língua franca ou dialecto das senzalas<sup>6</sup>. Foi o que aconteceu com o quimbundo que influenciou mais o PB do que o nagô. Para Mendonça (1935: 84) “O quimbundo, pelo seu uso mais extenso e mais antigo, exerceu no português uma influência maior que o nagô [...]

Por causa da influência das línguas africanas no PB<sup>7</sup>, o elemento afro-negro está presente nas danças, na culinária brasileira, nas religiões africanas praticadas no Brasil em que é utilizada a língua ioruba, que contém traços da pronúncia africana e também

---

<sup>6</sup> Os dialetos presumivelmente correntes nas senzalas ou na zona das plantações, [...] devem ter sido provavelmente de base banto. [...] a emergência dos dialetos rurais foi uma consequência necessária do desenvolvimento dos dialetos das senzalas [...] língua franca disponível para servir à necessidade maior de comunicação dos diferentes escravos com o colono português. (Castro, 1983: 97)

<sup>7</sup> PB- Abreviatura de português do Brasil.

muitos vocábulos que distanciam o PB do PE<sup>8</sup>. Castro enfatiza o prestígio do Iorubá e da sua cultura sobre as demais, no estado da Bahia.

Obrigados a falar português, esse falar por certo era mesclado de palavras africanas adaptadas aos moldes linguísticos de suas várias línguas de origem, tomando-se, no entanto, como nivelador o Iorubá, língua de um grupo mais recente. Chegado em levas numerosas e sucessivas (V. Car- 10s Otto, já citado), passando a gozar de grande prestígio sobre e entre os outros escravos, pelo fato de se acharem, medindo proporções de tempo e situando cada povo dentro do seu contexto histórico, num estágio mais adiantado de cultura em relação aos demais para trazidos desde o século XV [...] porque da superioridade dos Nagôs no Brasil, superioridade essa que absolutamente não se deve tão só a cultura do grupo, como quer a maioria dos estudiosos de culturas africanas entre nós, mas às circunstâncias históricas favoráveis. (Castro, s.d: 28)<sup>9</sup>

No que se refere à inserção vocabular das línguas africanas no PB, o negro não conseguia aprender na perfeição o português e o adaptava ao seu modo, cortando vocábulos e ajustando de maneira que fosse mais fácil para a sua comunicação, característica que é peculiar da pronúncia do PB. Segundo Raimundo (1933: 13-14) “O negro, na aprendizagem do português [...] estropeia-lhe ou mutila-lhe os vocábulos, deturpa-lhe os giros [...] troca-lhe o gênero ou pluraliza-lhe estes, tornando-os imutáveis e flectindo o artigo.”. Dessa forma, entraram os primeiros vocábulos africanos no PB.

Depois, instituída e regulada de vez a escravidão [...] o negro transportado ao continente branco, e insinuado por sua docilidade no trato das famílias [...] introduz vocábulos do idioma natal. Datam dessa época remota os primeiros afro-negrismos: *cachaça*, *guiné* (*falar-*), *quindins*, *quezila*, *quezília* ou *quijila*, etc (Raimundo, 1933:13).

Os portugueses imitavam a maneira entrecortada e adaptada de o negro falar no teatro popular de quinhentos, aparecendo o negro como objeto de escárnio. Raimundo (1933) utiliza o poema *Fragoa de Amor* de Gil Vicente para exemplificar o modo de falar negro desta época, até então visto como errado e inculto, mais precisamente a língua do escravo, conforme Raimundo (1933:67) “a linguagem que Gil Vicente ilustrou nas personagens do seu teatro”.

“E minha Nariz feito bem,  
E faze-me beija-delgada, te rogo”.  
(*fragoa de amor*)  
“Já mão minha branco estai,

---

8 PE- abreviatura de português europeu.

9 Yêda Pessoa de Castro. A Sobrevivência das Línguas Africanas no Brasil: sua influência na linguagem popular da Bahia. Disponível em [https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/3626/1/afroasia\\_n4\\_5\\_p25.pdf](https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/3626/1/afroasia_n4_5_p25.pdf). [consultado em 29-09-2015].

E aqui perna branco he,  
 Mas a mi fala guiné:  
 Se a mi negro falai,  
 A mi branco para que?  
 Se fala meu he negregado,  
 E não falla potugas,  
 Para que mi martelado?  
 (Idem)  
 Da caminha negro tornai,  
 Se mi falla namorado  
 A muier que branca sae,  
 Ella dirá a mi –bae, bae,  
 Tu sá home ó sá riabo?  
 A negra se a mi fallae  
 Dirá a mi sá chorreiro.  
 Oiae, sioro ferreiro,  
 Boso meu negro torna, como mi saba primeiro”.  
 (idem)<sup>10</sup>

As peças de teatro representavam a vida dos escravos negros do Brasil e as torturas, as angústias, o saudosismo que sentiam da sua pátria e do seu povo. Apesar de serem forçados a aprender uma nova língua, sujeitando-se às exigências dos seus exploradores, os negros do Brasil permaneceram fiéis aos seus costumes e tradições, pois não deixaram morrer a sua fé e a sua cultura. Os negros continuaram praticando os seus costumes através dos seus batuques e danças, nas sanzalas, após os dias árduos de trabalho. Quanto à língua, eles utilizavam a que tivesse o maior número de falantes. Deste modo, mantiveram a sua identidade e criaram um dialeto secreto para não serem entendidos pelos seus senhores, principalmente quando segredavam uma fuga ou queriam expor a intimidade dos seus assuntos. Deste modo, destacaram-se os grupos bantos e sudaneses, conforme refere Alves (2011:175)<sup>11</sup>: “O que se sabe é que os negros que vieram para o Brasil pertenciam, basicamente, a dois grandes grupos, linguística e culturalmente bastante diferentes, os bantos e os sudaneses. Sabe-se também, que eles vieram em quatro grandes ciclos de comércio de escravos.

Para Raimundo (1933:23), a falta de conhecimento fez com que eles conjugassem erradamente os verbos do presente do indicativo, utilizando “a 3ª pessoa do singular em vez da 1ª.” Este fenómeno acontece nos estados de Minas Gerais, Bahia e também no interior de alguns estados, onde as pessoas dizem: *a gente vai ao baile, Nós fica hoje em casa, nós comê muito*. Quando alguém convive com os

<sup>10</sup> Apud Jacques Raimundo (1933). *O elemento Afro-negro na língua portuguesa*. Renascença editora.

<sup>11</sup> Amanda Silva Alves. A Crioulização em Glissant e a Presença de Africanismos na Língua Portuguesa do Brasil. Revista Philologus, Ano 17, nº 51, set./dez.2011 – Suplemento. Rio de Janeiro: CIEFiL, 2011. Disponível em [www.filologia.org.br/vi.../a\\_crioulizacao\\_em\\_glissant\\_AMANDA.pdf](http://www.filologia.org.br/vi.../a_crioulizacao_em_glissant_AMANDA.pdf), [consultado em 01-03-2015].

residentes dessas localidades, acaba sendo contagiado pelo modo de falar local e aquilo que parecia errado, passa a ser natural. Outra característica destacada por Raimundo (1933:20) que distingue o PB do PE é o ensurdecimento do “i” ditongo em algumas palavras: *“dexa, (deixa), muto (muito) e baxo (baixo)”*. Raimundo (1933:20) acrescenta a perda do encontro consonantal “lh” nas palavras *“migais, muire, mior, miora e oio.”* Para enfatizar essas irregularidades utiliza-se excerto do seguinte poema (Negro) - Clérigo da Beira de Vicente (1934:246) *“A mi abre oio e vê /ratinho tira besiro ere dexa aqui condirô/não sei onde ele mettê.”*

Mendonça (1935:110) enfatiza a importância do negro no PB quando Diz: “Na intimidade da família, na vida do campo bem como na cidade, o negro é uma figura infalível. Esta transformação étnica reflecte-se na esfera linguística, e a língua acompanha a raça na sua evolução.”

O uso do género masculino para palavras femininas, a redução verbal e a utilização de “mi” no lugar do pronome pessoal “eu” e também a utilização de algumas expressões africanas na fala do negro<sup>12</sup>. Essas são particularidades aceitáveis para um aprendente de uma segunda língua, pois os escravos negros não tinham acesso à educação escolar e tampouco tinham conhecimento das regras gramaticais da língua do branco. Este modo “errado” e adaptado do falar do negro provocou alterações relevantes no PB, originou alterações fonéticas e acrescentou muitas palavras ao PB, enriquecendo de maneira admirável o seu léxico.

As alterações fonéticas contribuíram extraordinariamente para a transformação da pronúncia brasileira. De acordo com Mendonça (1935:112), as línguas africanas trouxeram modificações vocálicas no “fonema linguopalatal lh” que se converteu numa semivogal y: *“Dizem que muyé é farsa/ Tão farsa com papé/ Mas quem matou Jesus-Cristo/Foi home, não foi muyé.”* (quadra popular do sul de Goiás),<sup>13</sup>. Mendonça (1933:113) afirma que este fenómeno também acontece nos dialectos *crioulos* do português africano o que confirma as influências africanas no PB. No Cabo-verdiano o fonema linguopalatal lh passa para Y - *melhor – meyor*, no guineense – lh também y- *filha – fiya* e na ilha de São Tomé o lh também se converte em y - *folha –*

---

<sup>12</sup> Hoje no PB, alguns falantes dizem: pra mim fazer, para mim ficar. Etc. Até existem explicações quanto à utilização de mim e eu. Como por exemplo: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/fovest/pessoal.shtml>, [consultado em 17-06-2014].

<sup>13</sup> Renato Mendonça op. Cit., pg. 112.

*foya* e ainda na ilha do Príncipe – *lh* é sincopado - *orelha –uriá*. Conforme Mendonça (1935:107) “Houve mesmo uma literatura curiosa em que apareciam sonetos, sermões e almanaques e calendários em *língua de preto*.” O autor ainda disponibiliza um pequeno poema, composto na língua de preto onde consta a alteração fonética de *lh* para *y*. “*Doso galiya huo capam/ a mim trazê turo junto/ Ho coyi co treze pombio.*”<sup>14</sup>

É importante destacar a assimilação do fonema *j* que se transforma em *z* no início de algumas palavras, tal como refere Mendonça (1935:114): “*Jesús – Zezús e José – Zozé*. Antes das vogais *e/i*, o *g* transforma-se esporadicamente e *Z* no dialecto carioca, o que pode ser vestígio do africano: *genebra- zinebra / Registo- rezisto*”.<sup>15</sup>

Para facilitar a oralidade, nota-se que na linguagem popular brasileira se pronunciam muitas palavras de forma reduzida. Para Mendonça (1935:115), esta redução provém do modo de falar dos escravos que influenciaram significativamente a pronúncia de muitas palavras só português do Brasil: “Ao negro se atribuem aféreses violentas: *tá – estar/ ocê – você/ cabá – acabar / Bastião- Sebastião*.” Também se verifica a “apócope que aparece em *l* e *r* finais: *General – generá/cafezal-cafezá / mel-mé/ esquecer- esquecé/ Artur- artú*”. Para os leigos dessa influência, essas alterações no modo de falar brasileiro podem denotar falta de cultura ou iliteracia, mas isso já vem de outras origens, tanto africana como indígena. De acordo com o autor a supressão das consoantes finais também está presente nos dialectos africanos.

Conforme Mendonça (1935:119),<sup>16</sup> também ocorre a monotongação do ditongo *ou* para a vogal *ô* e do ditongo *ei* para a vogal *e*. Por causa dessa redução vocálica *lavoura* é pronunciada como *lavôra*, *couve* como *côve* e *louco* como *loco*. Para o ditongo *ei*, tem-se os seguintes exemplos: *quêjo* para *queijo*, *mantêga* para *manteiga*, *fêjão* para *feijão* e *dêxe* para *deixe*. Segundo o autor estas variações também acontecem no cabo-verdiano, no guineense e nas ilhas de São Tomé e Príncipe.

Em análise à obra de Raimundo (1933:231), percebe-se que o português do Brasil se distancia do Europeu devido à influência do modo de falar africano. O autor valoriza a perda do *r* final dos verbos no infinitivo e também a não pronúncia do *s*

---

14 O autor cita: L. de Vasconcelos. (1904) *Esquisse d'une théorie de la sensibilité sociale*. , pg. 50.

15 O autor cita: A. Nascentes (1953) *O linguajar carioca*, pg. 32.

16 Renato Mendonça (1935). *A influência africana no português do Brasil*. 2ª edição ilustrada com mapas e gravuras. Companhia editora Nacional, São Paulo. pg. 119.

final em algumas palavras que alteram muito a pronúncia brasileira, características que se destacam no PB. Podem-se citar os exemplos mencionados pelo autor: “*bebê, comê, mettê, dormi, vamo, jesu*”<sup>17</sup> Dentre outras características sobressai a monotongação dos ditongos – *ão* e *au* pela vogal -o no final das palavras. “[...] *Cristovo, estêvo, órfo, sarampo, zango* [...]”. O autor também refere que já no século XVI o PB terá sido influenciado e enriquecido por essas irregularidades. O gênero também era utilizado de forma imprecisa ou indecisa, tal como revela o poema, *O negro* de Gil Vicente:

Negro.  
Faze-me branco, rogo-te homem,  
Asinha, logo, logo, logo:  
Mandae logo acender fogo,  
E minha Nariz feito bem, (Vicente, 1834: 338).

Os africanos contribuíram para o enriquecimento lexical do PB, pois acrescentaram e substituíram palavras provenientes do PE. Conforme Raimundo (1933:75-76), através do ioruba entraram no PB muitos termos pertencentes aos campos semânticos da culinária e da religião, tais como: *abará, acarajé, Orixá, axá e lamanjá*. O ioruba ainda hoje é utilizado como língua-santo nos centros espíritas do candomblé. Raimundo (1933: 92) valoriza a contribuição do vocabulário banta no português do Brasil. “A fartura afro-banta impressiona, espanta e certamente não nos fora possível exagerar no tamanho deste volume, com o registro extenso e minucioso de todos os vocábulos.” Através da língua banta entraram no PB termos populares que substituíram palavras do PE, tais como: *caçula, moleque, molambo, camundongo e cachaça*, e o calão *bunda* e também a maioria das palavras que designam vocábulos relacionados com a escravidão, como por exemplo, *senzala, mucama, mocambo e quilombo*.

Nos hábitos, na culinária e até nas vestimentas baianas existem marcas das línguas africanas. Quanto ao léxico empregado para nomear as vestimentas e instrumentos musicais, serve a listagem abaixo:

Usos costumes e indumentária, enfeites, instrumentos e objectos, etc.: Caxambu, cucumbe, combo [...] gagau, jongo, lundu quimbete, cacundê; mulambo, tanga, canza, marimbá, marimbau ou berimbau, piuta, cacumbe, carimbo, cachimbo, monjolo, munzuá, quibando; etc. Raimundo (1933:78)

---

17 Essa redução na pronúncia ocorre principalmente nos verbos no infinitivo e em alguns nomes terminados em S, tal como Jesus.



As roupas tradicionais baianas são similares às das mulheres africanas, pois utilizam turbantes, vestidos e saias rodadas de panos finos e propícios aos climas quentes.

[...] a vestimenta das baianas é de grande importância para a fixação de sua imagem. O traje “típico” da baiana quituteira que conhecemos hoje (composto de elementos visuais marcantes como a saia rodada, o turbante, o pano-da-costa, as batas rendadas e os balangandãs, entre outros) refere-se às vestimentas das “baianas vendedoras de acarajé” e “baianas de tabuleiros” cheios de quitutes encontrados nas ruas das principais cidades brasileiras no século XIX, com destaque para o Rio de Janeiro.<sup>18</sup>

A figura da mulher baiana serve de ícone representativo da cultura brasileira, pois a baiana está sempre ligada às escolas de samba brasileiras. Para Araújo e Ferreira (s.d:304), “A imagem da baiana se estabelecerá a partir daí como um dos símbolos da cultura popular brasileira e de sua manifestação mais essencial, o carnaval “nascido do povo”, representado pela nova forma de organização carnavalesca: as escolas de samba. Carmen Miranda vestiu por muito tempo este símbolo exótico da mulher de vestidos brancos e frutas na cabeça, Esta figura popular também está baseada no modo de vestir e enfeitar da mulher africana.

A partir dos anos de 40, com o sucesso da canção “O que é que a baiana tem?” de Dorival Caymmi e a projeção internacional da cantora Carmem Miranda, novos significados são acrescentados a esse traje tão emblemático. Desde então, a baiana será um personagem carnavalesco definitivamente reconhecido, um ícone internacional “genuinamente” Brasil. (Araújo e Ferreira, s.d: 305)

A fonética brasileira recebeu grande contribuição das línguas africanas em sua evolução. Uma característica herdada das línguas africanas e que hoje faz toda a diferença na pronúncia brasileira é o modo de falar pausado herdado destes povos. Conforme refere Mendonça (1935:102): “Depois de analisar várias particularidades fonéticas do Brasil, concluía dando-lhe o alongamento das vogais fonéticas pretónicas que transmite a elocução com um carácter preguiçoso e lento.”<sup>19</sup>

A redução na pronúncia dos pronomes de tratamento também é muito importante no PB. Sobre isso, Mendonça (1935: 122) menciona que eles foram “grandemente alterados em virtude da próclise: *ioiô, iaiá, sinhâ, sinhô, nhâ, nhô*.”

---

18 Vânia Maria Mourão Araújo & Luiz Felipe Ferreira. Tradição e modernidade no traje da baiana de escola de samba. Disponível em <http://www.revistas.ufg.br/index.php/VISUAL/article/view/23097/13642>, [consultado em 01-03-2015].

19 O autor cita: G. Viana (1892). Exposição da pronúncia normal portuguesa para uso de nacionaes e estrangeiros: Memória destinada á X sessão do Congresso Internacional dos Orientalistas. Pg. 68.

Destaca-se o pronome “*sinhô*”, já que os demais caíram em desuso. É muito normal ouvir um brasileiro proveniente do Rio ou de Minas Gerais dizer: como vai o *sinhô*?

Outra alteração importante que as línguas africanas provocaram no português brasileiro está relacionada com a colocação dos pronomes átonos. Mendonça (1935: 123) afirma que “no português de Angola e Goa, [...] nota-se a mesma vacilação existente na colocação dos pronomes no Brasil”.

No Brasil, além das comunidades religiosas que utilizam as línguas africanas em seus rituais, também existem comunidades remanescentes que conservam parte do vocabulário trazido pelos seus ancestrais, linguagem utilizada somente pelos membros dessas comunidades como um código secreto, utilizado em situações em que querem ser discretos em seus assuntos. A comunidade do Cafundó no interior de São Paulo ainda preserva resquícios das línguas africanas no Brasil:

O Cafundó é um bairro rural da cidade de Salto de Pirapora, situada a 150 km de São Paulo, constituído por descendentes de africanos que mantêm o uso de um léxico de base banto. [...] O léxico de origem africana contém cerca de cento e sessenta itens, com quinze verbos e dois advérbios. [...] como a identificam, é a de código secreto, restrito a membros da comunidade (Petter, s.d:1)

Queiroz (1998:50) assegura a existência e continuidade da comunidade africana que fala a “*língua de Tabatinga*” em Bom Despacho, Minas Gerais. Segundo o autor, “[...] Tabatinga, antigamente “um aglomerado casinhas de capim espalhadas pelo morro de argila branca que veio dar o nome ao lugar”, hoje é uma rua da periferia de Bom Despacho”.<sup>20</sup>

## **1- Lendas africanas no ensino do PLE**

Para entender melhor como as lendas podem ser utilizadas na sala de aula para ensino do português como L1 ou L2, é preciso conhecer bem o seu significado. Neste sentido, tomou-se como exemplo um plano de aula elaborado pelo MEC e publicado no portal do professor:

[...] lendas são narrativas transmitidas oralmente pelas pessoas, com o objetivo de explicar acontecimentos misteriosos ou sobrenaturais. Para atingir esse objetivo, há uma mistura de fatos reais com imaginários, num resultado em que se misturam história e fantasia. As lendas vão sendo contadas ao longo do tempo e modificadas

---

20 APUD Margarida Maria Tadoni Petter. *Línguas Africanas no Brasil*. Pg. 3

através da imaginação do povo. Ao se tornarem conhecidas, são registradas na linguagem escrita. (Freitas, 2010: 1)<sup>21</sup>

A fantasia e a ilusão estão presentes na imaginação das pessoas, sejam elas crianças, adolescentes ou adultos, pois é através da imaginação que se criam novos objetos e também se inventam novos personagens para histórias que nem sequer aconteceram, mas parecem ser reais quando contadas. Trazendo as lendas para a sala de aula, os alunos podem partilhar os seus conhecimento e dividir a sua cultura com os seus colegas e também enriquecer os seus conhecimentos aprendendo um pouco da cultura do outro.

Os nossos alunos podem ir buscar às suas memórias, histórias que ouviram enquanto crianças e transportá-las para o presente. Nesta altura, podem compara-las com as histórias portuguesas e fazerem as suas ligações e/ou comparações e, até a partir daí organizarem as suas próprias histórias. É só pôr a imaginação a trabalhar. Neste caso é o que pretendemos motivar os alunos para outros textos produzidos por eles. (Silva, 2012: 15)<sup>22</sup>

Assim as lendas ou contos populares podem ser utilizados no ensino de uma PLE, pois os alunos podem interagir com os seus colegas contando um pouco das suas memórias de infância. Deste modo, recordaram dos contos de fadas, dos seus amigos imaginários e das lendas que fizeram parte da sua infância, podendo assim, partilhar e receber conhecimento.

Entre os contos populares escolhidos por Silva (2012: 18), destaca-se “*A sopa de pedras*”. Uma lenda contada no Brasil e em Portugal, por isso serve de exemplo como exemplo de narrativa que pode ser usada não apenas por ser a: “história que centra-se na figura de um frade muito astuto que conseguiu fazer uma sopa completa e rica, tendo à partida unicamente uma pedra.”, mas também por poder ser utilizada para ensinar os legumes que servem para fazer uma sopa, mas também para despertar o espírito comunitário dos alunos envolvidos, pois com o contributo de várias pessoas consegue-se construir algo grandioso. Assim o aluno compreenderá melhor, não somente a língua portuguesa, mas também conhecerá alguns aspectos sobre a sua cultura e deste modo, a língua portuguesa se tornará importante, não apenas pela

---

21 Daniela Amaral Silva Freitas (2010). Disponível em <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=20276>, [consultado em 06-10-2015].

22 Maria Adelaide Pereira Teles da Silva (2012). Contos e Lendas Populares Portugueses nas Aulas de PLE. Disponível em <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/68567>, [consultado em 06-10-2015].

necessidade de aprendê-la, mas também pela curiosidade de saber mais sobre o seu folclore, sua música e costumes que a formam.

A opção pelo conto popular português prende-se com o facto de ser um texto simples, mas recheado de potencialidades. Estas facilitarão a aprendizagem, ou continuação da aprendizagem da língua portuguesa, pois o conto popular incorpora um conjunto de implícitos que abrem possibilidades diversas de interpretação e podem alimentar a imaginação contribuindo, deste modo, para levar o aluno a uma melhor apreensão e conhecimento, não só da língua, mas também da cultura portuguesa. (Silva, 2012: 19)

O Projeto Alecrim Internacional<sup>23</sup> utiliza algumas lendas africanas e indígenas no ensino do português para filhos de emigrantes brasileiros em diversos países, como por exemplo, Barcelona, onde realizam se econtros cujo objetivo é ensinar português através de brincadeiras e preservar a cultura brasileira com a utilização de cantos lendas e lengalengas. Os pais também contribuem para esta tarefa de passar a sua cultura aos filhos, participando em alguns encontros:

Realiza oficinas de brincadeiras e cultura infantil brasileira nos sábados pela manhã em Barcelona, para crianças entre 2-10 anos. Através dos jogos e brincadeiras, das músicas, cantigas, cirandas, de expressões da cultura popular e da celebração de datas do calendário brasileiro, as crianças conhecem mais sobre a cultura e a identidade brasileira e aprendem português brincando. Os pais também têm a oportunidade de participar e transmitir essa herança cultural a seus filhos. (Projeto brasileiroinhos)<sup>24</sup>

O projeto Alecrim utiliza a canção da cuca que também pode ser considerada uma lenda: *“Frequentemente a Cuca é representada como uma velha feia com cabelos loiros na forma de jacaré com unhas compridas. Ela rouba crianças desobedientes. Dorme neném que a cuca vem pegar, papai foi para roça, mamãe foi trabalhar!”*<sup>25</sup>

As crianças brasileiras estão habituadas a ouvir certas cantigas de ninar que se referem à “cuca” e ao “bicho papão”, chamados de devoradores de crianças. *“Dorme neném que a cuca vem pegar, papai foi para roça, mamãe foi trabalhar!”*. Em Moçambique também se utiliza uma versão similar: “cala bebé que a cuca vai pegar; mamã foi à escola papá foi trabalhar.” Acredita-se que essas cantigas eram cantadas pelas amas negras para embalar os filhos das suas senhoras:

---

23 [Em linha] 2012. Alecrim internacional. Lendas Brasileiras para Crianças no Exterior. Disponível em <http://www.alecrimbrasil.org/Lendas.htm>, [consultado em 28-02-2015]. Este projeto atualmente existe na Bélgica, sangapura, Holanda e Líbano. “O objetivo deste trabalho é Fomentar a cultura e tradição do Brasil através de atividades lúdicas para crianças de até 6-8 anos, a faixa etária depende do país.

24 [Em linha] 2012. Alecrim internacional. Lendas Brasileiras para Crianças no Exterior. Disponível em <http://www.alecrimbrasil.org/Lendas.htm>, [consultado em 28-02-2015].

25 [Em linha] 2012. Alecrim internacional. Lendas Brasileiras para Crianças no Exterior. Disponível em <http://www.alecrimbrasil.org/Lendas.htm>, [consultado em 28-02-2015].

Nos cânticos de trabalho, nas colheitas de feijão, milho, mandioca, cana, fumo, ouvem-se entre outras palavras como *biatar* (joeirar), *fubamba* (o bagaço da cana), *matumbo* (cova), de procedência quimbunda, ao lado do ciclo de histórias de influência africana, como o do *bicho quimbundo*, do *gonguê*, devoradores de crianças. (V. Souza Carneiro, *Mitos Africanos no Brasil*, Cia. Editara Nacional, 1937, Coleção Brasileira).

No estudo feito por Denise Guerra (2010: 2- 4)<sup>26</sup> para a revista *África e Africanidades*, a autora refere que as cantigas de ninar brasileiras foram fortemente influenciadas pela cultura negra, pois as negras escravas eram amas das crianças brancas e as amamentavam. Guerra (2010: 2) cita as cantigas de ninar adaptadas a novos personagens como *boi da cara preta*, *Saci-Pererê*, *zumbi* e *bicho Tutu*. A autora menciona alguns autores como Mário de Andrade e Caetano Veloso para desenvolver o seu estudo, entre os autores mencionados pela autora, destaca-se também Kishimoto (1995):

Nas fazendas dos senhores de engenho do Brasil colonial, era comum a prática das famílias brancas entregarem os filhos para serem amamentados e cuidados pelas amas-de-leite negras. Este ato se refletiu tanto na criação dos meninos (as) do engenho como nos seus jogos e cantigas (Kishimoto, 1995).<sup>27</sup>

Para Guerra (2010:2) o hábito das canções de adormecer combina as lendas portuguesas e indígenas, que foram aperfeiçoadas pela cultura africana.

Desta forma, os acalantos típicos portugueses ganharam personagens do folclore africano, além de ser introduzido na cultura brasileira o folclore africano propriamente dito. Os personagens de influência africana para as cantigas de ninar afro-brasileiras ao invés da Coca ou do Bicho Papão passam a ser: Negros surrões, Negros velhos, Papa-figo (que come o fígado das crianças), Boi da cara preta, Saci-pererê, Zumbi, Bicho Tutu, Tutu Marambá. (Guerra, 2010: 2)

Para Ribeiro (2009: 2), o uso de lendas para o ensino de uma segunda língua é essencial, pois transmitem aspectos culturais e permitem o aproveitamento da cultura atual do aluno. Deste modo, o aprendente irá estabelecer uma ligação entre a cultura da sua primeira língua com a cultura da segunda, facilitando a aprendizagem e a assimilação dos novos conteúdos:

O processo de aprendizado/aquisição da língua alvo se dê de modo mais produtivo, também servem para o ensino contextualizado culturalmente. Muitos desses aspectos culturais compartilhados são parte da herança deixada pelos povos aborígenes que

---

26 Apud Denise Guerra (2010). Corpo: *Som e Movimento. Acalantos afro-brasileiros*. Disponível em [www.africaeaficanidades.com](http://www.africaeaficanidades.com) Revista África e Africanidades-Ano 2-n.8, fev.2010-ISSN 1983-2354, [consultado em 25-02-2015].

27 Apud Guerra 2010 pg.2

habitam/habitavam nossas terras antes da chegada dos colonizadores.<sup>28</sup>

## 2- A importância da religião africana no português brasileiro

Para se compreender melhor a religiosidade africana no Brasil, é necessário citar a definição de alguns termos. Segundo o *Dicionário escolar afro-brasileiro* escrito por Nei Lopes (1942), o *africanismo* geralmente provém da língua banta, embora muitos termos religiosos sejam especificamente do Ioruba.

Recriação de um vocábulo de língua africana em outra língua. Os *africanismos* no português do Brasil são, em sua grande maioria, oriundos do grupo banto, embora o Ioruba, língua religiosa da tradição dos Orixás, seja responsável por interferências bastante significativas. (Lopes, 1942: 14).

Os vocábulos provenientes desta cultura religiosa influenciaram notavelmente o português do Brasil. Mendonça (1935:112) ressalta a importância das línguas africanas no PB, dizendo que “O negro influenciou sensivelmente [...] a linguagem popular e posteriormente essa influência chegou até às camadas mais altas da sociedade. Um contacto prolongado de duas línguas sempre produz em ambas fenómenos de osmose.”

Não se pode negar o valor das línguas bantas no léxico do português do Brasil, mas devido aos movimentos de reafricanização iniciados em 1970, a língua Ioruba foi mais intensificada nos cultos africanos, mais propriamente no Candomblé, pois houve preocupação em voltar às origens e às tradições africanas implantadas através desta cultura religiosa.

Na década de 1970, ocorreu no Brasil um movimento conhecido como reafricanização. Esse fenómeno teve início com os representantes dos cultos afro-brasileiros que promoveram uma valorização da língua Ioruba e, com a ajuda de intelectuais nigerianos, ofereceram cursos deste idioma aos interessados nos ritos do Candomblé; também organizaram viagens turísticas à Nigéria e a exibição televisiva dos ritos das religiões afro-brasileiras e de suas correlatas nigerianas. O problema linguístico desta reafricanização foi que houve uma supervalorização do Ioruba da Nigéria, em detrimento de todas as outras línguas culturais. (Alves, 2011: 177)<sup>29</sup>

---

28 Luciana Rodrigues Alves Ribeiro (FURG). Lendas Indígenas Como Ferramenta De Ensino De E/Le. Disponível em [http://www2.ufpel.edu.br/cic/2009/cd/pdf/LA/LA\\_00026.pdf](http://www2.ufpel.edu.br/cic/2009/cd/pdf/LA/LA_00026.pdf), [consultado em 22-06-2015].

29 Amanda Silva Alves. A Crioulização em Glissant e a Presença de Africanismos na Língua Portuguesa do Brasil. Revista Philologus, Ano 17, nº 51, set./dez.2011 – Suplemento. Rio de Janeiro: CIFEFil, 2011, p. 177. Disponível em [www.filologia.org.br/vi.../a\\_crioulizacao\\_em\\_glissant\\_AMANDA.pdf](http://www.filologia.org.br/vi.../a_crioulizacao_em_glissant_AMANDA.pdf), [consultado em 01-03-2015].

Segundo Castro (s.d: 32), a linguagem utilizada nos cultos tem sido reaproveitada nas propagandas, na linguagem familiar, na literatura, nos pratos típicos africanos e até nos roteiros turísticos, pois os apartamentos, as ruas e comércio levam nomes de entidades do candomblé e de comidas oferecidas nos rituais.

Nos hotéis: Oxumaré, Iemanjá, Oxalá, Xangô, Iansã; de modernos edifícios de apartamentos: Omolu, Oxum, Airá, Carimbamba, Naná; de bombas de gasolina Oxóssi; de restaurantes e bares: Saravá, Iansá, Dendê, Ogum, Maculelê, Munzuá; sem citar nomes tradicionais de ruas como: Bozó, Dendê, Alaqueto, Bonocô, Nagô e Tedô. Predominam nomes do panteon ioruba, cuja cultura realmente continua a gozar de grande prestígio entre nós. (Castro,s.d: 32)<sup>30</sup>

Ainda em referência às pesquisas feitas pela autora, verifica-se que no interior da Bahia, ou seja, na lavoura, também há muita influência das línguas africanas, mas desta vez ela é proveniente de Angola e de Moçambique. Actualmente, o dialecto popular da Bahia é considerado o mais marcado pela influência africana, especialmente no que se refere aos cultos e rituais afro-brasileiros, chamados de Candomblé de origem do jeje-nagô e congo-angola.

Já que Candomblé é um termo de origem africana, convém que este seja explicado para melhor desenvolvimento deste trabalho. Para Castro (1983:83), “o termo *Candomblé* é utilizado para designar os cultos afro-brasileiros na Baía (como *macumba* no Rio de Janeiro e *Xangô* no Recife); vem do étimo banto *ká-n’-domb-íd-é* > *ká-n’-domb-éd-é* > *ká-n’-domb-él-é* , derivado nominal de verbal de *Kú-lómb-á* > *Kú-dómb-á* louvar, rezar, invocar[...]”. O Candomblé é uma religião afro-brasileira trazida pelos escravos negros que não deixaram a sua fé, mas a praticaram em suas senzalas através de danças e rituais típicos de suas terras. Os líderes dessa religião são chamados de *mãe-de-santo* e *pai-de-santo*, os seus iniciados são denominados de *filha* ou *filho-de-santo* e os seus adeptos são chamados de *irmãs* e *irmãos*.

Raimundo (1933) também se dedicou ao estudo das palavras de origem religiosa que entraram para o PB, pois relaciona muitos nomes de divindades adoradas no candomblé brasileiro:

Abusações, génios, entes imaginários, indivíduos, actos e objectos de culto: aboré, anujá, amuré, anuxã, [...] babá, babalaô, babaloxá, Dadá, eleubá pu elegbá, eleubaráou elegbará, eté, eudilogumu,

---

30 Yeda Pessoa de Castro. *A sobrevivência das línguas africanas no Brasil: sua influência na linguagem popular da Bahia*. Disponível em [https://desenvrepositorio.ufba.br/ri32-jsui/bitstream/ri/3626/1/afroasia\\_n4\\_5\\_p25.pdf](https://desenvrepositorio.ufba.br/ri32-jsui/bitstream/ri/3626/1/afroasia_n4_5_p25.pdf), [consultado em 17-06-2014].

gunocô, iloũô ou jaũô, lamanjá ou Jemanjá, [...] agamum, Ogum, ojá, Olurum, opelé, xangô, xorá, xuxuguruxú.” (Raimundo, 1933:76)

Também alguns nomes de alimentos e pratos típicos do nordeste brasileiro entraram no PB por meio das línguas africanas e alguns deles serão mencionados abaixo como pratos utilizados nas oferendas religiosas africanas:

Alimentos iguarias, comidas e bebidas: abará, abarém, acará, acarajé, acassá, ado, afurá, amori, ataré, aussá (arroz de), bobó, cuxá (arroz de), ebó, ecuru, efó, efum-oguedé, erã-paterê, humulucu, ierê ou jerê, ipetê, iru, latipá, oguedé, olubó, pejerecum, vatapá, ou xinxim, etc. (Raimundo 1933:76)

Desta lista o vatapá, prato típico da Bahia que contém feijão, cebola, pimenta e azeite de dendê, acará, nome de município do estado do Pará, o bobó e o acarajé são os mais conhecidos, não esquecendo que o acarajé é um prato utilizado como comida de ritual e também é conhecido como *acarajé de Orixá*,<sup>31</sup> Lopes (194:12) assegura que o acarajé “é servido com recheio de vatapá e camarões”. Os ebós são oferendas dedicadas aos Orixás. Conforme Lopes (194:12) o Efó também é um prato típico africano, ou seja, “iguaria afro-baiana feita de língua de vaca.”

De acordo com Castro (1983: 96-98), existiram alguns dialectos das sanzalas ou rurais e posteriormente o dialecto de Minas e é necessário considerar: “o fato de não haver sucedido no Brasil uma língua crioulo do tipo que se encontra nas demais ex-colônias americanas onde a presença do africano também foi marcante”<sup>32</sup>. No entanto, as línguas africanas vieram não só acrescentar vocabulário, mas também contribuir para alterações no sotaque brasileiro que se assemelha mais ao modo de falar angolano e guineense do que ao português europeu. Mendonça (1935) também destaca a influências das línguas mina e nagô no estado da Bahia:

A Mina foi a *língua de preto* mais falada na Baía, até não há muito tempo, pelos africanos e seus descendentes. Sua existência efêmera já cessou.<sup>33</sup> Em certas cerimônias do culto gêge-yorubano, com certeza se falou obrigatoriamente o nagô até recentemente. Todavia, já nas “macumbas”, não se fala mais africano [...] havendo não obstante muitas palavras daquela origem no ritual. (Mendonça: 1935, 111)

Segundo Castro (2013:1), a língua mina é proveniente do oeste africano, sendo mais conhecida como língua sudanesa, de onde vieram “os povos do grupo ewe-fon provenientes de Gana, Togo e Benim, apelidados pelo tráfico de minas ou jejes, e os

31 Alberto Eboni (2011). Ebó - Significado Completo. Disponível em <http://www.juntosnocandomble.com.br/2011/06/ebo-significado-completo.html>, [consultado em 13-06-2014].

32 Yeda Pessoa de Castro (1983) Das Línguas Africanas ao Português Brasileiro Pg.98. Disponível em <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/3667/1/12121212.pdf>, [consultado em 11-08-2015].

33 O autor cita: Franco de Sá (1915). A língua portuguesa, Maranhão. Pg.289.



iorubas da Nigéria e do Reino de Queto (Ketu), estes últimos na vizinha República do Benim, onde são chamados de nagôs.”<sup>34</sup>

Os africanos conservaram as suas práticas religiosas e as transmitiram aos seus descendentes nascidos no Brasil. Hoje existem algumas religiões africanas no Brasil e a linguagem utilizada nos terreiros bem, como as rezas praticadas no *candomblé* e em outras religiões africanas que persistem na Bahia, utilizam o ioruba como língua ritual, pois as entidades manifestadas nos seus cultos manifestam-se em Ioruba.

As línguas africanas, utilizadas hoje ritualmente, mantêm-se como veículo de expressão dos cânticos, saudações e nomes dos iniciados, principalmente, podendo também servir como meio de comunicação entre os adeptos da mesma comunidade de culto. Petter (s.d:1)

Rodrigues (1932:319) afirma que “de todas as instituições africanas, entretidas na América pelos colonos negros ou transmitidas aos seus descendentes puros ou mestiços, foram práticas religiosas do seu fetichismo as que melhor se conservaram no Brasil.” Algumas formas de culto foram influenciadas pela religião católica e vice-versa. Por esse motivo, não são tão intensas como nos países africanos, pois no Brasil houve adaptações entre as religiões. No entanto, *os terreiros, os Nagôs e as mães de santo* continuam presentes na cultura religiosa brasileira:

Assim pois, decorrido meio século após a total extinção do tráfico, o feiticismo africano constituído em culto apenas reduz a mitologia gêge-yorubana. Angolas, Gurunsis, Minas, Haussás, etc. que conservam as suas divindades africanas, da mesma sorte que os negros crioulos, mulatos e caboclos fetichistas, possuem todos, á moda dos *Nêgos, terreiros* e *Candomblés* em que as suas divindades ou fetiches particulares recebem, ao lado dos *Orixás* <sup>35</sup>.” (Rodrigues, 1932: 321 - 322)

Rodrigues (1932:331) refere alguns dos deuses adorados nos cultos iorubanos. Segundo a autora, estes nomes fazem parte de lendas e da mitologia dos Nagôs.

*Dadá*, deusa ou orichá dos vegetaes,  
*Changô*, deus do trovão,  
*Ogum*, deus do ferro e da guerra,  
*Olokum*, deus do mar,  
*Olachá*, deusa dos lagos,  
*Oyá*, deusa do rio niger,  
*Ochum*, deusa do rio ochun,  
*Obá*, deusa do rio obá,  
*Okó*, orichá da agricultura,  
*Ochisi*, deus dos caçadores,  
*Okê*, deus das montanhas,  
*Ajê-chalangá*, deus da saúde,

---

34 Yeda Pessoa de Castro (1983) Artigo: *Das línguas africanas ao português brasileiro* [em linha], disponível em <https://iilp.wordpress.com/2013/04/21/das-linguas-africanas-ao-portugues-brasileiro/>, [consultado em 12-06- 2014].

35 Sic [Orixá].

Chankpannã, deus da variola,  
Orun, o sól,  
Ochú, a lua. (Rodrigues, 1932: 331)

Castro (s.d:26)<sup>36</sup> denomina essa influência religiosa de “*língua-da-gente-de-santo*”, um tipo de linguagem utilizada pelos brasileiros adeptos das religiões africanas, como o *Candomblé*, que nomeia os seus santos de *Orixás* e *Iemanjá* na *umbanda* e que acredita na existência de guias espirituais, tais como o *caboclo*, o *preto-velho* e a *pomba-gira*.

Hoje, a linguagem popular da Bahia é provavelmente o falar brasileiro mais acentuadamente marcado por traços de influência africana, principalmente partindo da influência religiosa dos chamados cultos afro-brasileira, ou candomblés, de origem jeje-nagô e congo-angola. (Castro, s.d: 29)

Para confirmar o que foi dito por Castro, também cabem às palavras de Raimundo (1933:77): “As palavras guineias ou sudanesas sobrevivem, resistindo a ação do tempo, por serem atinentes às crenças, cultos, usos e práticas familiares.” Segundo o autor, muitas palavras somente faziam sentido enquanto existia a escravidão e arcaizaram; mesmo assim, algumas destas palavras tornaram-se indispensáveis, e continuam a existir no português. Destacam-se as seguintes: *senzala*, *quilombo* e *macumba*, pois são palavras que nomeiam novas realidades e práticas que ainda não existiam antes da entrada dos negros no Brasil.

É maravilhoso observar como os topónimos africanos nomeiam as músicas, os instrumentos, as danças e as comidas afro-brasileiras estão quase sempre ligados à religião, pois o homem costuma dedicar o melhor de si para as coisas ligadas ao divino e à recompensa eterna. Depois de um dia de trabalho doloroso e árduo, o corpo talvez quisesse repousar, mas os escravos tinham algo maior a que se dedicar. Entre batucadas, danças e comidas da sua terra, eles confraternizavam e faziam oferendas às suas divindades. Estas eram feitas na língua de origem para preservar as rezas utilizadas nos rituais e para falar com os deuses numa língua que eles entendessem. Ainda hoje, nas religiões afro-brasileiras, os rituais são feitos nas línguas africanas. Os nomes das divindades e a linguagem de culto preservam a língua original.

Essa influência deve-se às crenças e aos ritos realizados pelas religiões afro-brasileiras que dedicam oferendas aos seus *orixás*: comidas, bebidas e sacrifício de animais para conseguirem derrotar os seus inimigos, não com seus braços, mas com a

---

36 Yeda Pessoa de Castro. A Sobrevivência das Línguas Africanas no Brasil: Sua Influência na Linguagem Popular da Bahia. Disponível em [https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/3626/1/afroasia\\_n4\\_5\\_p25.pdf](https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/3626/1/afroasia_n4_5_p25.pdf), [consultado em 29-09-2015].

força sobrenatural dos seus guias espirituais. Também se realizam danças e rezas que são feitas nas melodias e ritmos africanos, tal como nas festas de regozijo, feitas aos exus e *Orixás* do *candomblé*.

*Gonga. Veem-se as pedras rindo-se, o matombo e a floresta em fogo. E assim aprendeu como se fazia fogo para cozinhar os quitutes para a festa que devia dar por ordem dos Orixás. Gonga é um homem a quem os deuses do bem (Olorum) e do mal (Exu) ensinaram a ser feiticeiro. Os densos terrenos, aos quais ficou reservado o governo do mundo (Xangô, Obatalá e Ifan) acham que Gongo deve dar uma festa em regozijo, mas as comidas não devem ser cruas nem frias. Gongo, reconhecendo a sua ignorância, vai até a encruzilhada e, pensativo, espera o auxílio de Xangô, deus do trovão. Um dia e uma noite. (Sousa Carneiro, 1937: 198).*

Quanto mais se aprofundam os estudos referentes à influência das línguas africanas no português do Brasil, mais se descobre que esta vai além do léxico e abrange fortemente a cultura brasileira. Essa influência é extremamente abrangente, pois está presente na religião, no samba, nos gestos e nos pensamentos do povo brasileiro.

*No enorme painel da cultura negra no Brasil, a presença Banta avulta- grandiloquente- como uma enorme rainha Nzinga. Do samba a fala incrivelmente permeada de termos originários principalmente do quimbundo; dos gestos ao pensamento; do cafuné a umbanda; de São Benedito a Senhora do Rosário ao dendê e ao angu de fubá; do cachimbo a mochila; da tanga a capanga; da lenda a umbigada; da muamba ao catimbó; do quilombo ao Cubango (Lopes, 1996).<sup>37</sup>*

### **3-Danças de origem africana no Brasil**

Grande parte das danças brasileiras resulta da combinação de ritmos africanos e europeus. Portanto, os vocábulos africanos estão presentes em muitas músicas, danças e novelas brasileiras. De acordo com Rodrigues (1932:233), é mais fácil transmitir uma língua através da dança, pois através dela um povo também transmite o seu modo de ver e entender o mundo:

*As mímicas e trejeitos das interpolações, tornam suave e natural à transição da linguagem falada para a dança [...] danças de caça e danças guerreiras primitivas mais não são mais do que representação mimica, [...] em gestos da narração de grandes feitos de cada povo. (pg. 233).*

---

37 Apud Elisa Larkin Nascimento.(2008). Cultura em Movimento: Matrizes africanas e ativismo negro no Brasil. Editora Negro Edições, São Paulo. Pg. 31.

Dentro do campo musical encontram-se vários tipos de músicas que foram introduzidas no Brasil no período da escravidão e permaneceram na cultura brasileira, sendo hoje chamadas de danças afro-brasileiras.

No campo semântico da música, há várias danças, folguedos e cantigas que foram introduzidas nos costumes do Brasil por negros africanos que vieram no período da escravidão. Entre elas estudaremos sete: bumba-meu-boi, candomblé, congado, jongo, lundu, maracatu, e samba. Essas festas contagiaram a cultura brasileira originando “modinhas” e ritmos que se popularizaram. O que é para o Brasil uma contribuição cultural, para os negros escravos era “um verdadeiro lenitivo aos seus duros sofrimentos no cativeiro” (Queiroz, 2008: 23).<sup>38</sup>

Na música popular brasileira, há “o axé music”, um ritmo carnavalesco comercial que provém dos blocos africanos. Também deve referir-se o “O maxixe”,<sup>39</sup> uma dança afro-brasileira, que é a mistura de lundu e polca, mais especificamente um tipo de tango brasileiro. A “Bumba-meu-boi”,<sup>40</sup> dança típica do Maranhão, propagou-se por todo o Brasil com nomes diferentes. Para Lopes (2011:50), “a dança afro no Brasil, modalidade de balé contemporâneo inspirado em danças afro-brasileiras, notadamente as dos Orixás do candomblé.”

O batuque é um termo utilizado para nomear as danças e os ritmos africanos no Brasil. Para Lima (2014: 28) trata-se de “[...] designação comum a certas danças afro-brasileiras e denominações genéricas dos cultos afro-gaúchos. Do batuque dos povos bantos de Angola Congo originaram os principais ritmos e danças do Brasil e das Américas, como samba e jongo.” De acordo com Rodrigues (1932:234), o batuque recebe outras nomenclaturas: “Dos nomes dos instrumentos, dos fins sacros ou profanos das festas, as danças africanas [...] denominações diferentes [...] dança de tambor, no Maranhão; maracatus em Alagoas e Pernambuco; candomblés, botucagés, batuques, batuques da Bahia, etc.” e também o “bloco afro”.

Tipo de agremiações carnavalescas, surgida em Salvador, BA, no início dos anos de 1980, com objectivo de reafricanizar o carnaval de rua na capital baiana. Evocando temas que buscam a conexão directa com África [...] afirmação da negritude [...] Neste sentido o trabalho

---

38 Marília de Cássia Souza de Castro. Sonia Queiroz (org). (2008) Brasilidades que vêm da África. Música. FALE/UFMG. Disponível em <http://150.164.100.248/vivavoz/data1/arquivos/brasilidades-site.pdf>, [consultado em 16-03-2015].

39 Disponível em [http://en.wikipedia.org/wiki/Maxixe\\_%28dance%29](http://en.wikipedia.org/wiki/Maxixe_%28dance%29), [consultado em 13-06-2014].

40 Dança dramática típica do Maranhão [...] o enredo básico do “Bumba-meu-boi” pode ser assim resumido: Mãe Catirina, negra escrava, mulher de pai Francisco, estando grávida sente o desejo de comer língua de boi. Mas não de um boi qualquer, mais sim, do boi mais gordo e bonito da fazenda, preferido do patrão. Pai Francisco mata o boi, arranca-lhe a língua, e descoberto vai para o tronco para morrer. Entretanto, ante o apelo da mãe Catirina, um espiritualista, usando dos seus poderes, faz reviver o boi, cuja ressurreição é comemorada em uma grande festa. Lopes, Nei (2014). *Dicionário escolar afro-brasileiro*. Selo Negro Edições, São Paulo- SP.

do Oludum [...] ganhou dimensão e reconhecimento internacional. (Lopes, 2014:31).

Maakaroun (2005)<sup>41</sup> dedicou a sua tese *Maracatu - Ritmos Sagrados* exclusivamente aos ritmos e instrumentos utilizados no Maracatu. Maakaroun viajou por várias cidades para descobrir mais sobre esta dança que foi criada durante a escravidão e permanece até hoje na cultura brasileira. O Maracatu não recebeu somente influências africanas, mas também indígenas na sua composição. A autora refere que o Maracatu é proveniente de Angola e para explicá-lo, ela cita alguns autores:

Guerra Peixe (1981), ao lado de Sílvia Romero, Renato Mendonça e Gonçalves Fernandes, considera o vocábulo Maracatu como de origem africana, designando uma dança praticada pela tribo dos Bondos, que vivia na época da ocupação portuguesa, em território da foz do rio Dande, cerca de cinquenta quilómetros ao norte de Luanda.<sup>42</sup>

Entre as muitas explicações dadas por Maakaroun (2005: 14) no capítulo *Maracatu: Religiosidade e Musicalidade* fala sobre o seu início com o consentimento da corte portuguesa, para apaziguar a revolta dos escravos colocando um “*rei negro*” como intermediário do poder branco, mas também salta à vista a mistura do catolicismo com o candomblé, ritual ainda presente nos estados do Norte do Brasil:

O Maracatu configura um sincretismo sagrado e profano no que diz respeito à influência religiosa e outras manifestações afro-brasileiras amalgamadas à música, à dança e outros rituais celebrados. Através de cultos, cerimónias e representações alegóricas, o povo busca obter a proteção dos Orixás, e garantir o sucesso dos desfiles e dos rituais festivos.

O Maracatu também é conhecido como Baque Virado ou Nação Africana, e se manifesta, atualmente, em um cortejo de negros, desfilando com trajes que lembram o vestuário da corte portuguesa dos tempos coloniais, com influência do estilo barroco na imagem de Nossa Senhora. (Macaakaroun, 2005: 14, 15)

A capoeira é outra dança afro-brasileira que começou no Brasil durante a escravidão e permanece até hoje na cultura brasileira, inclusive muitos adeptos dessa dança a utilizam como prática desportiva e até está presente na religião ubandista. Segundo Nascimento § Lopes (2011: s.p), a capoeira é uma “técnica corporal de defesa, desenvolvida no Brasil a partir de fundamentos introduzidos por escravos bantos. A dança é expressa por meio de simulação de dança, executada ao som de

---

41 APUD Eugenia de Freitas Maakaroun (2005). *Maracatu- Ritmos Sagrados*. Belo Horizonte, Escola de Belas Artes. Disponível em [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=61799](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=61799), [Consultado em 22-06-2015].

cânticos e berimbau-de-barriga e outros instrumentos de perseguição.” Conforme a enciclopédia Ábaco a Churchill:

Utilizada pelos escravos como modalidade de luta, era treinada nas fazendas com coreografia e música que simulavam uma dança inocente aos olhos dos seus feitores. Seu nome provavelmente deriva das capoeiras, lugares sem mato-, onde os negros fugidos enfrentavam seus perseguidores. (Civita, 1973:261).<sup>43</sup>

O carnaval brasileiro pode ser considerado a maior manifestação cultural de origem africana, pois começou como um protesto à opressão branca e ao mesmo tempo como representação das memórias africanas dos escravos libertos.

Muitas das celebrações carnavalescas nas Américas com certeza devem a sua alegria e seu brilho, fundamentalmente, a música dos afro-descentes. Assim foi e é no Brasil, nos ranchos carnavalescos, nas escolas de samba, nos afoxés e nos blocos afros. (Lopes, 2006:38)

Para enfatizar a importância do carnaval na cultura afro-brasileira, importa destacar o estudo feito por Albuquerque (1887-1910) *Esperanças de Boaventuras: Construções da África e Africanismos na Bahia*:

“foliões bem vestidos” na madrugada de terça-feira no carnaval de 1900. Pelo menos em relação a muitos clubes da época, parte desta conclusão tinha algum cabimento. Em 1908, o clube Diabos em Folia parecia se incluir na categoria de “diabos negros” ao anunciar que era formado por “ africanos originários da Guiné”. O número de clubes, troças e máscaras que faziam alguma menção à África no carnaval era muito maior do que os de arlequins e pierrôs. Os Congos da África, Nagôs em Folia, Chegados da África, Filhos D'África, Lembranças da África, Guerreiros da África [...] eram as atrações mais comuns na festa de momo entre 1895 e 1910. “Fantasiar-se de africano” era o jeito mais divertido de a população de cor participar da festa. (Albuquerque, 1887-1910: 219)<sup>44</sup>

Não se pode deixar de mencionar o ritmo afoxé, um tipo de carnaval africano com matiz religioso. Lopes (1942:14) destaca que “cortejo carnavalesco de adeptos da tradição dos Orixás, outrora também chamado de “candomblé de rua” [...] o mais famoso foi o Fandango d'África que só perdeu a popularidade para os Filhos de Gandhi surgido da década de 1940 [...]”

---

43 Vitor Civita (1973). Enciclopédia do Estudante. Volume 1-Ábaco a Churchill. Editora nova Cultural Limitada, São Paulo, Brasil.

44 Wlamyra Ribeiro de Albuquerque (1887-1910). *Esperanças de Boaventuras: Construções da África e Africanismos na Bahia*. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-546X2002000200001&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-546X2002000200001&script=sci_abstract&tlng=pt), [consultado em 06-10-2015].

#### **4- Os instrumentos utilizados nos ritos e danças afro**

Um instrumento que tem um nome muito sugestivo é a palavra “macumba”. Para Mendonça (1935:211), o mesmo termo pode ser “um instrumento ou um músico dos negros” ou ainda serve para designar uma “feitiçaria ou candomblé.”

Juntamente com as músicas e danças africanas estão os instrumentos musicais e muitos deles, que são utilizados nos ritos africanos, têm a mesma origem vocabular, como por exemplo: “Agogô - Instrumento musical de origem afro-brasileira.” Para Lopes (1942:8) o agogô é [...] “Historicamente um instrumento ritual do candomblé jejê-nagô, popularizou-se com as baterias de samba cariocas. A origem do vocábulo está na língua ioruba.” Para Lopes (1942:28) “botacotô – tambor de origem iorubana usado na Baía no século XIX pelos africanos revoltados. Tido pelo seu timbre, como elemento fortemente, incitador de massas rebeladas [...].” Conforme Quirino (1927:187) outro instrumento que é utilizado nos cultos africanos é o “Adjá - Etim: termo africano do ioruba. Abon: adjá. Campas de metal amarelo: na cerimónia convidam os crentes para a cerimónia de dar comida ao santo”.<sup>45</sup>

O berimbau, também chamado de berimbau-de-barriga nas danças de capoeira, para Lopes (2006:30) é o “nome brasileiro de instrumento musical de tradição africana constante de um arco de madeira retesado por um fio de arame e de uma cabaça de ressonância presa à extremidade inferior do arco.”

#### **5- A toponímia africana no estado de Minas Gerais**

A toponímia local contribui muito para identificação dos povos que estiveram em determinados espaços e também conta um pouco da história do povo que contribuiu para a nomeação dos locais, seja por ter habitado ali ou ter conquistado a terra impondo a sua cultura. No que se refere ao contributo das línguas africanas, deu-se através do contato entre negros escravizados e seus opressores e posteriormente através da miscigenação entre a cultura portuguesa e africana. Luchesi (2012: 101) refere que a língua portuguesa foi adquirida como L2 e em situações deficitárias de aprendizagem.

O português aprendido de oitiva, em situações sociais extremamente precárias, e que era a língua de intercurso entre

escravos e capatazes e senhores, e entre escravos de etnias diversas, constituiu o principal modelo para a nativização do português entre os descendentes desses escravos, sejam os provenientes de cruzamento de escravos de diferentes etnias, sejam os oriundos do cruzamento do colonizador branco com as mulheres escravas. Desse modo, nos três primeiros séculos da história do Brasil, existem situações potencialmente muito favoráveis à ocorrência de processos de mudanças crioulizantes, através da nativização do português, nos segmentos de mestiços e escravos crioulos, a partir de um modelo defectivo de português adquirido precariamente como língua segunda pelos escravos trazidos de África. (Lucchesi, 2001: 101).<sup>46</sup>

No estudo feito por Emanoela Cristina Lima denominado *A toponímia africana em Minas Gerais* é grande o contributo para a história da formação do PB, pois estuda minuciosamente a toponímia africana em Minas Gerais. Para Lima (2012:32): “as palavras de origem africana que integraram o vocabulário brasileiro são denominadas africanismos. [...] para compreendermos o que é africanismo, é necessário analisar primeiramente o conceito de brasileirismo.” Devido à distanciação da pronúncia brasileira da pronúncia portuguesa, os novos vocábulos brasileiros que entraram no português são chamados por alguns autores de *brasilismos*:

Qualquer facto linguístico peculiar ao português usado no Brasil, em contraste com o facto linguístico correspondente peculiar ao português usado em Portugal. O brasileirismo pode ser regional, quando privativo de uma dada região do Brasil ou geral, quando se estende por todo o território brasileiro. O brasileirismo pode ser fonológico, como na entoação ou no sistema de fonemas e suas variantes; morfológico; sintáctico; como a colocação do pronome pessoal oblíquo átono, adverbial, nos tempos compostos, entre o auxiliar e o particípio passado, em próclise com este último; ou lexical, como o uso de palavras não usadas em Portugal correspondentes a “tupinismos”, “africanismos”, como ou aipim cochilar de palavras derivadas como “avacalhar”; e de estrangeirismos.<sup>47</sup>

Dos povos africanos que entraram no Brasil durante três séculos, destacam-se os referidos abaixo:

A importação de escravos africanos para o Brasil, que se iniciara no século XVI, continuaria até meados do século XIX. Nesses quatro séculos quatro milhões (ou mais) de africanos das mais variadas culturas e línguas ingressaram no Brasil. Muitas foram às línguas e culturas africanas trazidas pelos escravos: ioruba (ou ioruba) e nagô (da Nigéria), gegê (do Daomé), mina (da Costa do Ouro), mandinga e haussá (da Guiné e da Nigéria), línguas bantus (de Angola e do Congo), quicongo, cabinda, etc. Na formação da sociedade e da cultura brasileira foi enorme a influência africana nos costumes e na

---

46 Dante Lucchesi (2001). As Duas Grandes Vertentes da História Sociolinguística do Brasil (1500-2000). Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44502001000100005>, [consultado em 22-05-2015].

47 Camara (1984) Portal da língua portuguesa. *Brasileirismo*. Disponível em <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=terminology&act=view&id=2183> [consultado em 12 de junho de 2014.]



cultura em geral (cozinha, religião, música, atitudes). (Biderman, 2002: p. 68-69)<sup>48</sup>

Conforme Lima (2012:37), O estudo da toponímia local contribui para “a identificação e a recuperação de fatos linguísticos recorrentes no ato denominativo. Os topónimos testemunham parte da história da língua, já que os contactos linguísticos e culturais entre os povos são registrados e conservados através desses signos linguísticos.”

Lima (2012:41) centra-se nas línguas africanas mais faladas no Brasil; ela destaca as línguas provenientes do banto: quimbundo, quicongo e umbundo e também se refere à família Kwa, de onde provém o loruba. Este estudo confirma as pesquisas feitas por Nina Rodrigues (1932) e Renato Mendonça (1935) que também destacaram a presença destas línguas no Brasil. Eis o trecho do estudo feito pela autora:

De acordo com os dados do projeto ATEMIG, Minas Gerais possui 84.923 topónimos, dentre os quais 1480 são de possível origem africana, o que representa 1,7% dos dados colectados no Estado. Dos 1480 topónimos africanos, 898 (60,7%) são de origem banto, 463 (31,3%) são hibridismos formados por possíveis africanismos e palavras de outras origens (portuguesa, indígena, estrangeirismos), 108 (7,3%) são de origem incerta, 6 (0,4%) são banto/kwa e 5 (0,3%) são do kwa. (Lima, 2012: 151).

Lima (2012:66-69) faz uma análise minuciosa dos dados, relaciona todos os municípios mineiros por ordem alfabética e diz qual é a origem dos topónimos que nomeiam córregos, rios, ribeirões, riachos, lagoas, serras, morros, cidades, fazendas, povoados, localidades, utilizando fontes seguras de estatísticas, tais como: IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e transcreve os topónimos, tal como eles estão nas cartas topográficas do IBGE. Na tabela nº 1 *Campo das Vertentes: relação de topónimos por municípios*, Lima (2012:73) quantifica a população estimada nos municípios mineiros em 2010 e 2013, a dimensão da área estudada que abrange 853 municípios e também menciona a densidade demográfica da região que é de 33,42 habitantes por quilómetros quadrados.

Na tabela nº 2: *Central Mineira: relação de topónimos por municípios* Lima (2002:33) relaciona a origem dos topónimos que foram utilizados na composição dos nomes mineiros e surpreendentemente a maioria deles é de origem banta. O estudo

---

48 Apud: Emanoela Cristina Lima (2012). *A toponímia africana em minas gerais*. POSLIN FALE/UFGM, Belo Horizonte. Pg. 33

feito pela autora é muito útil para se perceber o quão importante foi a influência das línguas africanas da região mineira. Na relação dos nomes estudados destacam-se Quilombinho, candonga, monjolo e Calunga.

Quanto à tabela nº 3: *Jequitinhonha: relação de topónimos por municípios* encontram-se os municípios de Almenára, Angelandia e Araçuaí, onde estão referidos córregos e fazendas com os nomes de quilombo, Bengo, Condonga e Macaco. Confirma-se que a maioria dos nomes africanos que entraram na toponímia mineira é de origem banta.

Lima (2012:66-155) faz listagens exaustivas que contêm tabelas e gráficos representativos de todas as regiões mineiras onde foram encontrados topónimos africanos de origem banta. Para este trabalho foram seleccionados alguns exemplos presentes nas quatro tabelas que serão mencionadas abaixo. O trabalho elaborado por Lima (2012: 1-2012) demonstra a amplitude da presença africana no estado de Minas Gerais, pois muitos africanos foram levados para trabalhar nas minas de ouro e nas lavouras, permaneceram na região e influenciaram fortemente a cultura e o léxico mineiro.

Na tabela nº 4, *Mata: relação de topónimos por municípios*, Lima (2002:85-90) relaciona os municípios de Abre Campo, Além Paraíba e Amparo da Serra, onde se localizam os córregos do Bananal, Calundu e Fazenda do Gongo, também de origem Banta.

Lima (2012:69) inventaria os municípios mineiros, onde se encontram nomes bantos, híbridos e de origem incerta. Como este trabalho é sobre a origem africana, não estão mencionados os topónimos de origem incerta e híbridos. É muito interessante observar que nesta listagem a maioria dos topónimos é proveniente do banto. Este fator demonstra o quanto a toponímia mineira foi influenciada pelas línguas africanas. A autora quantifica os topónimos provenientes do banto e Kwa. No *campo das vertentes* foram encontrados 3.738 topónimos, e foram encontrados 77 de origem africana, na Central Mineira foram analisados 4.063 topónimos, dos quais 82 possivelmente são de origem africana, na Jequitinhonha contabilizaram-se 6.794 topónimos. Somente 82, provavelmente, são de origem africana. A quantia parece pouco significativa, mas confirma a influência das línguas africanas, mais especificamente dos idiomas banto na toponímia mineira.

Nota-se através deste estudo que outras regiões brasileiras também foram apresentadas com nomes africanos que entraram na toponímia local através da presença de africanos na região. Para Ferraz (S.d:3), estas entradas lexicais são regionalismos, ou seja: “traço linguístico pertinente a uma determinada região, no caso da comunidade linguística do Brasil, o que se constata é a existência de regionalismos comuns a duas ou mais regiões brasileiras.”<sup>49</sup> Estas entradas lexicais podem ser consideradas brasileirismos, pois podem ser utilizadas em várias regiões.

No que se refere às entradas lexicais de palavras africanas, destacam-se as regiões rurais brasileiras, onde vivem comunidades afro-brasileiras: Helvética e Cinzento, ambas localizadas no estado da Bahia. Referente a esta região baiana, foi feito um estudo sobre o uso do pronome pessoal *nós* que é substituído por *a gente*, mas muitas vezes utilizado na 3ª pessoa do singular em vez de ser correctamente empregado na 3ª pessoa do plural. Antonino (s.d: 160) concentrou o seu estudo na região do Cinzento, pois alega que a utilização alterada do uso deste pronome pessoal tem a ver com o contato intenso e prolongado e vários povos africanos que viveram na região.

A atual pesquisa pretende realizar uma análise empírica da aplicação da regra de concordância verbal junto à primeira pessoa do plural no português afro-brasileiro da comunidade de Cinzento, identificando os contextos linguísticos e extralinguísticos que estariam interferindo no fenómeno em estudo.<sup>50</sup>

O uso da primeira pessoa do singular em vez da terceira é característica marcante no português popular brasileiro, principalmente nas regiões nordeste sudeste brasileiro, onde a presença dos africanos foi mais intensa, pois nota-se a conjugação de verbos da 3ª pessoa, segundo as regras da 1ª, por exemplo: *a gente comê, a gente dorme, a gente viaja*.

## **Capítulo II- A influência das línguas indígenas no português do Brasil**

O objetivo deste capítulo é perceber por que razão o tupi foi tão importante para o léxico do português e quais foram os vocábulos indígenas que entraram no português através do Brasil. Neste sentido, será necessário recorrer a dicionários

---

49 Aderlande Pereira Ferraz. Formação de Palavras no Português do Brasil: A questão dos Brasileirismos. Disponível em [www.celsul.org.br/Encontros/06/Individuais/81.pdf](http://www.celsul.org.br/Encontros/06/Individuais/81.pdf), [consultado em 22-05-2015].

50 Vivian Antonino. Nós, A gente e a Concordância em uma Comunidade Afro-brasileira Isolada. Disponível em <http://www.revistas.fflch.usp.br/papia/article/view/1726/1537>, [consultado em 22-05-2015].

bilíngues do português - tupi e separar as palavras em grupos, tais como nomes de mamíferos, árvores terrestres, árvores de fruto, vegetais, topónimos locais e nomes existentes na geografia nacional, como nomes de serras, rios e cidades de alguns estados brasileiros, pois estes se formaram através da junção de lexemas que segundo Luccock (1818:271) são formados pela mistura de simples sons.

Primitive words in the Brazilian tongue consist in a great measure of simple sounds, sometimes several vowels stand together and form distinct syllables, but are more frequently connected by a single consonant placed before each and forming with it a syllable. The consonants most used are *hmnst z*. The word *aipoai* furnishes an example: *a* is the first syllable, *io* the second *poi* the third, where *o* is sound like a *w*, and *ai* a diphthong. (Luccock, 1818: 271)<sup>51</sup>

Com intenção de identificar a entrada de topónimos na geografia brasileira e também para perceber a composição de nomes formados pela junção destes tupinismos, toma-se como referência a obra *O Tratado da Terra e gente do Brasil* de Fernando Cardim (1925)<sup>52</sup> onde estão catalogados alguns dos vocábulos indígenas inseridos no português com intuito de nomear plantas, animais, frutas e ervas que não existiam nas terras portuguesas. Deste modo, houve a expansão e enriquecimento do léxico português. Muitos destes vocábulos são de origem tupi, pois esta foi a língua indígena utilizada pelos jesuítas nos séculos XVI a XVII, quando europeus e indígenas mantinham contato através da língua mais falada do Brasil. Acrescenta-se que o português recebeu muitas palavras novas devido à descoberta de espécies nas Terras de Veracruz, onde o clima é mais propício e a terra mais produtiva. De entre os vocábulos mencionados pelo autor foram selecionados aqueles mais utilizados na atualidade. A obra de Cardim é bem organizada neste sentido e descreve os seres conforme as suas espécies mencionando os nomes em tupi e depois os subdivide em morfemas com significado. Tal é a riqueza destes topónimos, pois muitas vezes resultam em frases e expressões complexas.

No que se refere aos mamíferos de nomes indígenas do Brasil, Cardim (1925: 111-116) apresenta os nomes de origem tupis. Tal o como o nome *Suguaçu* que significa veado e tem o nome repartido em dois: *çoo* que significa animal e *açu* que significa grande. Assim *Suguaçu* é um animal grande.

---

51 John Luccock (1818) § Dr. Baptista Caetano de A. Nogueira. A Grammar and Vocabulary of the Tupi language. Disponível em <http://arrow.latrobe.edu.au/store/3/4/5/1/9/public/B17523072.pdf>, [consultado em 23-06-2015].

52 Fernando Cardim (1925). Tratados da terra e gente do Brasil. Disponível em <http://www.etnolinguistica.org/biblio:cardim-1925-tratados>, [consultado em 23-06-2015].

Além deste animal, Cardim (1925: 111-116) cataloga outros mamíferos, como Paca que é um roedor da família dos caviídeos e provém do verbo tupi *pág= acordar ou despertar*. Assim, Paca é *esperta e vívida*.

*Iagoáretê* ou *Jaguetê* é conhecida no Brasil como onça-pintada. Jaguetê é um felino parecido com o tigre asiático. Dividindo em nome em vocábulos *tupis Jaguar= Cão ou onça. Etê= verdadeiro, Jaguetê* significa cão verdadeiro.

*Tamanduá*, o Caçador de formigas, tem o seu nome repartido em 3: *Ta=* contração de *Tacy= formiga e monduar= Caçador*.

Não se deve esquecer o Tatu que foi atualmente utilizado como mascote da seleção brasileira de futebol na copa do mundo. *Tatu* é um animal rastejante que vive em tocas e tem uma carapaça grossa. Em tupi *Ta-tu= casca encorpada ou densa*.<sup>53</sup>

Nesta relação também se inclui a *Eirara ou lara* palavras tupis que significam: *Íra ou eira= mel e ra= tomar ou colher*. Deste modo, *lara ou papa-mel*. O que colhe mel, o papa-mel.

*Coati ou Cuati* que é subdividido em *áqua= ponta tî= nariz* que corresponde a animal de nariz pontudo, de aparência similar aos macacos.

Por fim, nesta relação de mamíferos, está a *Jibóya ou Gibóia Yibói= cobra d'água* que é uma serpente terrestre brasileira.

Quanto às aves catalogadas por Cardim (1925: 119-122), foram selecionados para este trabalho os nomes mais conhecidos que são: Arara, Araponga, Tanguará e Ema.

Arara ou *guirá= pássaro e ra= grande*. Portanto, Arara significa pássaro grande.<sup>54</sup>

Araponga subdividida em *Guirá= pássaro e ponga= sonante*. Significa pássaro sonante.<sup>55</sup>

Tangará que subdividido significa andar aos Saltos. Derivado do tupi *Atá= andar, carã= em volta*.

---

53 Conforme o Dicionário Tomo II: Tatu (do Guar. Tatu), s.m. (zool.) nome comum de várias espécies de mamíferos desdentados da América do sul; (Brasil) Variedade de porco doméstico; pg. 1409.

54 Conforme a enciclopédia do Estudante (1973). Volume I - Ábaco a Churchill. Araras são aves trepadoras, as araras vivem em bandos nas florestas da América do Sul. Podem ser domesticadas e conseguem imitar a voz humana.

55 Conforme o dicionário Tomo I: (Brasil) Ave da família dos cotingídeos, também chamada de ferreiro ou ferrador, notável pelo seu canto metálico; pag. 140

Ema ou Nhandugoaçu é uma ave que chama muita atenção pelo seu aspecto semelhante ao Avestruz. Fragmentando Nhandugoaçu nos vocábulos Nhan= corre, tu= estripitante, ub= perna e guaçu= grande.

Cardim (1925: 122-123) relaciona muitas árvores de fruto brasileiras, mas vale destacar caju e jabuticaba, por serem nomes diferentes e frutos típicos do Brasil. Conforme a Tabela 3- Árvores de frutos: caju ou acaju, que traduzido em topónimos tupis quer dizer açã= caroço e yu ou yub= que dá, que tem. Assim, caju é uma fruta suculenta e carnuda que tem caroço.

Na tabela 4- *Vegetais úteis* (Cardim, 1925: 127-130), destacam-se algumas das palavras mencionadas por Cardim, pois a riqueza da flora e fauna brasileira acrescentou muitos nomes ao léxico do português. Nesta relação foram encontradas as palavras ananás, pacóva, mangará e lanipaba.

Ananás, também conhecido no Brasil com abacaxi, vem dos vocábulos tupis *na-nã*= cheira bem. Então o significado de ananás é fruta que cheira bem. Pacoba ou Pacóva é uma bananeira indígena que no tupi *Pac-oba* significa folha de enrolar. Mangará é o coração da bananeira e traduzido do tupi *Yba- carã* significa fruto redondo.

Por fim, mencionam-se as palavras lanipaba ou genipapo. De acordo com o tupi *Nhandipab* é um fruto de esfregar ou fruto que serve para pintar.

Cardim (1925) alude a outros animais, plantas medicinais, frutos e répteis, aqui não citados por serem desconhecidos ou por não estarem totalmente identificados os vocábulos tupis.

## **1- A contribuição dos jesuítas para a alfabetização dos nativos brasileiros.**

O Brasil passou a existir aos olhos do mundo a partir dos séculos XV e XVI, quando os ventos dos mares levaram portugueses em suas caravelas para um destino diferente do planejado e para a prosperidade no comércio marítimo. Foi o destino que os levou a conhecer uma nova terra recheada de novidades e línguas ininteligíveis aos ouvidos europeus. Nesse momento, deu-se o contacto entre tupinambás e portugueses através do contributo da evangelização jesuítica. Os jesuítas eram padres

católicos, pertencentes à Companhia de Jesus, formada por Inácio de Loyola para converterem os nativos da terra que eram pagãos, pois adoravam aos astros e tinham outra forma de governo e organização. Para se aproximarem deste povo, estranho à cultura europeia, os jesuítas procuravam aprender sua língua para catequizá-lo, pois queriam ganhar a alma dos gentios e levá-los à fé cristã. Segundo Gândavo (s.d: 12)<sup>56</sup> “a língua deste gentio toda pela Costa é, uma carece de três letras –scilicet, não se acha nela F, nem L, nem R, coisa digna de espanto, porque assim não têm Fé, nem Lei, nem Rei; e desta maneira vivem sem Justiça e desordenadamente.”

Em contrapartida, a história da mitologia indígena brasileira relata que eles tinham o seu modo de vida e cultura.

O povo Tupi-Guarani acreditava em um deus supremo, que chamavam de deus do trovão e o denominavam “**TUPÃ**”. Os índios acreditavam que a voz deste ente supremo podia ser ouvida durante as tempestades. O trovão, eles chamavam de “Tupa-cinunga” e seu reflexo luminoso de “Tupãberaba” (relâmpago). Eles acreditavam que este era o deus da criação, o deus da luz, e sua morada seria o sol. Acreditavam também em um deus do sol (Guaraci) e em uma deusa da lua (Jaci). O deus do sol seria o criador de todos os seres vivos (devido ao sol ser importante nos processos biológicos na natureza) e Jaci seria a rainha da noite e dos homens. Segundo a lenda, ela teria sido esposa de Tupã. (Araújo, s.d: 1)<sup>57</sup>

Segundo Sampaio (1901:19), os padres jesuítas utilizaram a língua tupi para catequizar, por isso escreveram gramáticas, dicionários, poemas e catecismos na língua brasílica, pois esta era considerada a língua geral do Brasil e serviu como língua de contacto entre os portugueses, mestiços e índios de outras tribos indígenas.

A Companhia de Jesus, particularmente vocacionada para a acção e para o contacto directo com as povoações, assume como principal objectivo a expansão da fé cristã a outras gentes, com especial destaque para os territórios recém «descobertos». Tal objectivo acaba por ir ao encontro do projecto expansionista da Coroa Portuguesa que acolhe os Inacianos de braços abertos: estamos perante uma aliança estratégica entre a expansão da fé e a expansão de uma língua e de uma cultura, proporcionando ambas um domínio de expansão ou controlo territorial. (Leitão, 2008: 4)

Para que a fé fosse propagada entre os gentios, primeiro era necessário além do ensino religioso dar-lhes a conhecer as letras e palavras. Por esse motivo, os Jesuítas ensinavam as crianças indígenas a ler e escrever, pois eles iriam convencidos pela fé em Deus divulgar os seus conhecimentos e deste modo divulgar o cristianismo.

---

56 Pero de Magalhães Gândavo. Tratado de Terra do Brasil. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000291.pdf>, [consultado em 09-06-2015].

57 Ana Paula de Araújo. Mitologia Tupi-guarani. Disponível em <http://www.infoescola.com/mitologia/mitologia-tupi-guarani/>, [consultado em 09-06-2015].

Onde se instruísem os meninos para posteriormente pregarem entre os seus: «era neste seminário, o principal cuidado dos religiosos, depois de bem instruídos nos princípios da fé, aqueles índios, ensiná-los a ler e escrever para melhor inteligência sua, e a poderem ensinar também aos parentes e paisanos» (Amorim, 2005: 56)<sup>58</sup>

Segundo Leitão (2008: 9-10), embora o português fosse ensinado até nas aldeias mais afastadas, havia escassez de material didático e os missionários utilizavam os recursos locais, como tintas indígenas e até escreviam na areia, para o ensinamento das letras e encontros vocálicos e utilizavam as cartilhas quinhentistas que garantiam apenas uma formação básica e rudimentar da gramática.

O ensino da língua portuguesa fora de Portugal se processaria através da assimilação de vocabulário e sua correspondência na língua materna do aluno. Começar-se-ia, antes de mais, por se proceder a uma explanação das letras do abecedário, grupos vocálicos, consonânticos e silábicos considerados como mais representativos. Só mais tarde se passaria à memorização de palavras (nomeadamente vocábulos relativos à antroponímia e à toponímia) e à compreensão e redacção de frases e textos. (Leitão, 2008: 9 e 10).

Enquanto que nas influências africanas no português do Brasil se destaca a perda das consoantes finais na pronúncia da variante brasileira, no contributo das línguas indígenas para o PB, destaca-se a “delicadeza” que esta língua acrescentou à pronúncia brasileira.

Não há verbo algum, que no refente do Indicativo se acabe em outra letra, ou letras em sua direita pronunciarão, ainda que na terceira pessoa relativa tenham outras, que não servem a este propósito. Algumas línguas e os índios trocam às vezes algumas letras por mais delicadeza, como era dizer Aiúr, dizem Aiút ; em lugar le Coyr , dizem Coyg , mas isto não he no plural. (Figueira, 1687: 103).<sup>59</sup>

## **2-Como se deu a entrada dos topónimos tupi-guaranis no português do Brasil?**

Para facilitar o entendimento entre os dois povos, a língua dos “gentios” foi transcrita e explicada conforme a gramática portuguesa, para que o contato entre jesuítas e índios fosse facilitado e os nativos fossem catequizados e recebessem o Deus

---

58 Maria Adelina Amorim (2005). Os Franciscanos no Maranhão e grão-pará: missão e cultura na primeira metade de seiscentos. Centro de estudos de história religiosa. Universidade católica portuguesa. Disponível em

<https://books.google.pt/books?id=WF8PJIHkdiAC&pg=PT50&dq=era%20neste%20semin%C3%A1rio%20o%20principal%20cuidado%20dos%20religiosos%20depois%20de%20bem%20instru%C3%ADdos%20nos%20princ%C3%ADpios&pg=PT50#v=onepage&q=era%20neste%20semin%C3%A1rio,%20o%20principal%20cuidado%20dos%20religiosos,%20depois%20de%20bem%20instru%C3%ADdos%20nos%20princ%C3%ADpios&f=false>, [consultado em 09-06-2015].

59 Padre Figueira (1687). Arte da Língua Brasília. Disponível em [http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Afigueira-1687-arte/figueira\\_1687\\_arte\\_brown.pdf](http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Afigueira-1687-arte/figueira_1687_arte_brown.pdf), [consultado em 14-04-2015].



dos cristãos. Os jesuítas escreveram gramáticas e dicionários das línguas presentes na costa brasileira e assim nasceram as línguas gerais do Brasil, línguas indígenas, utilizadas como língua de contato, por serem fáceis de falar e perceber.

Para entender melhor a importância das línguas indígenas no PB, será importante localizá-las e contabilizá-las no Brasil atual; neste contexto cabem as palavras de Seiki<sup>60</sup>:

As línguas indígenas acham-se hoje concentradas nas regiões amazônicas e centro oeste, nos Estados do Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima, Acre, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Tocantins e, em menor proporção em outros estados do Brasil. Algumas delas são faladas em regiões limítrofes entre o Brasil e outros países vizinhos. (Seiki, 1999: 259).

Sabe-se que entre os países vizinhos do Brasil se destaca o Paraguai que se localiza na fronteira sul do Brasil, mais propriamente na divisa com o estado do Paraná e Mato Grosso do Sul. Apesar de ter adotado a língua espanhola como língua principal, o Paraguai fala também o guarani, principalmente nas regiões interiores do país. Os paraguaios são, na sua maioria, descendentes dos nativos da terra.

O número ainda existente de línguas indígenas brasileiras representa uma grande diversidade linguística: as 180 línguas se distribuem por cinco grandes grupos - Tronco Tupi, Tronco Macro-Jê, Família Karib, Família Aruak, Família Pano; havendo ainda nove outras famílias menores e dez Isolados linguísticos. (Seiki, 1999: 259).

Os tupis encontravam-se na costa brasileira e estiveram mais próximos dos portugueses. A sua língua foi utilizada como língua de contato entre outros grupos indígenas, e desta forma contribuíam para a expansão portuguesa no território brasileiro. O tupi passou a ser utilizado como língua geral brasileira. Na época colonial, o tupi era falado por todos, portugueses e índios. Como resultado, os nomes dos locais conquistados eram nomeados por topónimos desta proveniência. Para Sampaio (1901:17) “basta reconhecer no tupi generalizado na geografia nacional o efeito da influência civilizadora do europeu.”

Em toda esta província [referindo-se ao Brasil] há muitas nações de diferentes línguas, porém uma é principal que compreende algumas dez nações de índios: estes vivem na costa do mar, e em uma grande corda do sertão, porém são todos estes de

---

60 Lucy Seki (1999). A Linguística Indígena no Brasil. D.E.L.T.A., Vol. 15, N.º Especial, (257-290).

uma só língua ainda que em algumas palavras discrepem e esta é a que entendem os portugueses; é fácil, e elegante, e suave, e copiosa, a dificuldade dela está em ter muitas composições; porém dos portugueses, quase todos os que vêm do Reino e estão cá de assento e comunicação com os índios a sabem em breve tempo, e os filhos dos portugueses, assim homens como mulheres, principalmente na Capitania de São Vicente, e com estas dez nações de índios têm os Padres comunicações por lhes saberem à língua, e serem mais domésticos e bem inclinados (...). (Cardim, 2009, p. 200).

Esta língua era de fácil entendimento e que foi muito utilizada pelos colonizadores e índios submetidos à cultura portuguesa; Seiki (2000:235) afirma que era “o tupi jesuítico, o “nheengatu” (tupi: *nhe’eng* ‘língua’ + *katu* ‘bom’) a “língua boa’[...] desenvolveu-se como ‘língua geral’ da colônia e ainda hoje sobrevive na região do Rio Negro.”<sup>61</sup>

Pensando na perspectiva de que as línguas gerais brasileiras foram adaptadas segundo as normas do PE, Rodrigues (1892:295) alega que “diferença há entre a linguagem dos missionários que passa por legítima [...] mostrando que fieis não foram eles na conservação, porque mais facilmente a ensinariam modificada como escreveram.”<sup>62</sup> Posteriormente estas influências recebidas do PE, permaneceriam no PB e hoje destacam-se estas características em algumas regiões brasileiras, tal como Pará e Amazonas, porque houve contato entre tupis e portugueses das regiões do Alentejo e Minho.

O contato constante, por muitos anos, só com portugueses [...] campônios do Alentejo, Minho e Trás montes, em tempos que o português não era o mesmo de Garrett, e mesmo pela conotação de o para u, que produziu esse sotaque, não só na língua geral, como também no português-brasileiro do Pará e Amazonas. (Rodrigues, 1892: 5).

Conforme Rodrigues (1892:5), a gramática adaptada pelos missionários jesuítas trouxe alteração na pronúncia do tupi e posteriormente no PB. Destacam-se algumas palavras que se diferenciam na acentuação. Como o tupi influenciou muito o português do Brasil, será importante referir as suas vogais que são essenciais na formação da pronúncia de uma língua.

O tupi possui seis vogais: a, e, i, o, u e y. As cinco primeiras pronunciam-se como no português do Brasil, embora o e e o o nunca de forma aberta como em “vela” e “mola”. O y é um som típico da

---

61 Lucy Seiky (2000). *Línguas Indígenas Do Brasil No Limiar Do Século XXI*. Disponível em [www.etnolinguistica.org/artigo:seki-2000](http://www.etnolinguistica.org/artigo:seki-2000) ,[ consultado em 11-03-15].

62 Dr J Barbosa Rodrigues (1892). *Vocabulário indígena Comparado para Mostrar a Adulteração da Língua*. Disponível em <http://www.etnolinguistica.org/biblio:rodrigues-1892-vocabulario>, [consultado em 21-05-2015].

língua. Para reproduzi-lo, devem-se dispor os lábios para pronunciar i, mantendo a língua na posição de u: é o inverso do u francês, o y se classifica como vogal pós-palatal, não-arredondada, alta. As seis vogais podem ser nasais: ã, ê, ã, õ, õ, ã. Com as três semivogais î, û e ÿ se formam tritongos e ditongos, estes crescentes e decrescentes, orais e nasais. (Tuffani, 1994: 4).

### 3- O tupi na toponímia local

Muitas das regiões habitadas e conquistadas pelos bandeirantes nos séculos XVI e XVII receberam nomes compostos por topónimos tupis. Hoje, muitas localidades, do sul e sudeste brasileiro, têm nomes peculiares, de difícil pronúncia e compreensão, que guardam significados complexos. A obra de Sampaio (1901)- *O Tupi na Geografia Nacional* contribuiu significativamente para a identificação e estudo da toponímia tupi na geografia brasileira.

Quem é que viajando a nossa terra não se tomará de curiosidade a mais justificada e não indagará pelo significado de tantos nomes bárbaros aplicados aos lugares e regiões que vai atravessando?

Quem de nós terá por vezes inquirido pelos significados de tantos nomes estranhos, cuja pronúncia já corre adulterada, cujo sentido já ninguém compreende? (Sampaio, 1901: 4-5).

O autor reconhece o valor e a expressividade de tais vocábulos tão importantes para nomear as localidades que receberam topónimos tupis na sua composição. Através destes nomes estranhos e incompreensíveis, conta-se a história do povo tupi e dos lugares por que passou, quando o Brasil era formado e esse povo, juntamente com os portugueses, dominava e marcava o domínio dos lugares através dos nomes que lhe punha:

E são, todavia, vocábulos doces e sonoros, longos muitas vezes, excelentes em geral como designação de lugares, mas que muito perdem de seu valor por se não saber o que exprimem, o que recordam, o que nos revelam do sentir e do génio do povo primitivo que nos los legou. (Sampaio, 1901: 5).

Estes vocábulos doces, sonoros e expressivos foram utilizados para nomear os locais conquistados. Muitos nomes topónimos tupis ainda permanecem no estado de São Paulo e Paraná. O interessante é que os nomes dos rios, montanhas e povoados, não levaram nomes portugueses, mas tupis na sua composição. Neste contexto, Sampaio (1901:3) defende que “as nossas montanhas, os nossos rios, as cidades como simples povoados trazem geralmente nomes bárbaros que o gentio, denominador de

outrora, lhes aplicou, que os conquistadores aplicaram e que hoje são de todos preferidos [...]”.

Devido ao fato de os estados do Paraná e São Paulo terem sido habitados pelos povos nativos tupi-guarani, nota-se a presença de grande quantidade de topônimos na constituição dos seus nomes.<sup>63</sup>

Uma porção considerável dos vocábulos autóctones voltava-se à hidronímia (em São Paulo: Tietê, Anhangabaú, Tamanduateí, Pacaembu, Tatuapé, Mooca, Saracura...; no Rio: Acari, Andaraí, Catete, Inhaúma, Maracanã, Meriti, Pavuna, por exemplo). (Dick, 2002-2003:184).

Pode-se acrescentar que os caminhos por onde passavam os índios, em suas rotas internas, continuam a ser utilizados como nomes de cidades e povoados no estado de São Paulo e Paraná.

Os caminhos dos povos autóctones, porém, ganham outra significação em seu universo conceptual, partindo-se do fato de serem essas populações grandes caminantes, por uma característica etnológica. A toponímia brasileira conserva até hoje lexias indicativas desses modos de locomoção na forma (a)-pé, geralmente em composição sintagmática (ex.: tatu-(a) pé, “caminho do tatu”). (Dick, 2002-2003: 184).

Atualmente, os nomes destes caminhos permanecem na toponímia local dos estados sulistas. De acordo com Dick (2002-2003:184). “Como os caminhos de Birapoera ou Virapoeira (atual Ibirapuera), descrito nas Atas desde 1575; Piquiri, Ambuaçava, Pinheiros, Ipiranga (variante do “caminho do mar”), Samambaitiva, Tejuguassu, Guarepe (desaparecido).” O que confirma a importância dos nomes indígenas nos nomes dos locais por onde passavam os tupiniquins.

#### 4- Fauna e flora

Verifica-se também que na fauna brasileira muitos nomes receberam designações tupis, como por exemplo:

**Assaí:** Forma simples que nomeia a fruta ácida da palmeira euterpe olerá-cea, de que se faz suco, o que a liga semanticamente à flora. A ortografia vigente determina que seja escrita de outra forma: açai.

**Mumuru** [Tupi: vitória-régia]: grande flor aquática da Amazônia, que se abre à meia-noite. Conhecida em português como estrela d'água (pois, neste Universo, jamais existiu a rainha Vitória, em homenagem à qual essa flor foi batizada, no nosso mundo, como vitória-régia).

**Pirabebé** (nome de um peixe): pirá – peixe + bebê – voar – peixe voador. (Moreira, sd: 5-8).

---

63 Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (2002- 2003) A Toponímia Cariorica e Paulistana. Disponível em [http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ10\\_123-141.html](http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ10_123-141.html), [consultado em 23-06-2015].

Quando no século XVII o Marquês de Pombal proibiu o uso do tupi como língua geral do Brasil e impôs o português como língua oficial brasileira, o PB já estava alterado, ou seja, já havia adquirido muitos vocábulos africanos e indígenas. A matriz original do português já não pôde ser conservada, pois a língua que Pedro Álvares Cabral levava com os seus marinheiros já era bem distinta no século XVII e foi evoluindo com o decorrer da história. Por isso, encontram-se vocábulos diferentes para nomear os mesmos objectos ou realidades tanto no PE como no PB. Presentemente, valoriza-se a entrada do léxico tupi no PB, pois subsistem muitos vocábulos tupis que nomeiam cidades, pessoas, animais, plantas, frutos, acidentes geográficos:

Na parte vocabular do contributo das línguas indígenas, destaca-se o estudo feito por Nos animaes, nas plantas e na parte geographica, nao so dei os nomes scientificos que nenhum só possuía, como firmei a localizado dos rios, serras, villas e aldeias, completando a serie de nomes que haviaio sem um so esclarecimento; tudo quanto pode dar o meu pouco saber, quer em botânica e zoologia, quer em geografia pátria, o dei. (Rodrigues, 1892: 120)<sup>64</sup>

Devido à grande riqueza da flora e fauna brasileiras, o português enriqueceu o seu léxico, pois no Brasil existem espécies que em Portugal não há e estas novas variedades de espécies que contribuíram para o alargamento lexical do português.

O ananás oferece exemplo de mais uma palavra indígena nossa que passou às línguas da Europa, com à linguagem das ciências, depois que Thun-berg formou o género Ananassa. Vamos registrando estes fatos para decidir se para nós a língua guarani é ou não digna, a par da grega, de ser cultivada como língua sábia, necessária para dar esclarecimentos não só na etnografia e na botânica, como nos diferentes ramos da zoologia. Só na botânica, além do mencionado género Ananassa, temos com nomes brasileiros os géneros (não falando nas espécies) Andira, Apeíba, Jacarandá, Icica e Ingá. (Sousa, 1851:371)<sup>65</sup>

No que se refere às árvores brasileiras, verifica-se que no Brasil foram encontradas diversas espécies de palmeiras. Sousa (1851:371) afirma que “a palmeira, de cujas barbas diz Soares que se faziam amarras, era a conhecida piaçaba, nome que em Portugal se adotou, pronunciando-o piaçá.”

Impressionante como Sousa descrevia os frutos e plantas brasileiras comparando-as com espécies portuguesas para que fossem mais facilmente

---

64 João Barbosa Rodrigues (1892). *Vocabulário indígena comparado para mostrar a adulteração da língua (complemento do Poranduba Amazonense)*. Disponível em <http://www.etnolinguistica.org/biblio:rodrigues-1892-vocabulario>, [consultado 25-05-2015].

65 Gabriel Soares de Sousa. (1851) *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me003015.pdf>, [consultado em 25-05-2015].

entendidas pelos portugueses. Isso nota-se na maneira como descreveu o amendoim e outros frutos e plantas até então desconhecidos nas terras portuguesas.

Dos amendoins temos que dar conta particular, porque é coisa que se não sabe haver senão no Brasil, os quais nascem debaixo da terra, onde se plantam a mão, um palmo um do outro; as suas folhas são como as dos feijões da Espanha, e tem os ramos ao longo do chão. E cada pé dá um grande prato destes amendoins, que nascem nas pontas das raízes, os quais são tamanhos como bolotas, e têm a casca da mesma grossura e dureza, mas é branca e crespa, e têm dentro de cada bainha três e quatro amendoins, que são da feição dos pinhões com casca, e ainda mais grossos. Têm uma tona parda, que se lhes sai logo como a do miolo dos pinhões, o qual miolo é alvo. (Sousa, 1851:371).

Existem outras palavras que poderiam ser mencionadas, pois são coisas, animais e frutos que existem no Brasil e não em Portugal. Por esse motivo vieram enriquecer o léxico do português. São animais existentes apenas nas terras brasileiras. Estes animais encontram-se identificados na obra: *Viagem a Terra do Brasil* de Jean Léry.<sup>66</sup>

O tatu<sup>67</sup> da terra do Brasil, tal qual os nossos ouriços, não pode correr tão rapidamente quanto os outros; por isso arrasta-se pelas moitas; em compensação está bem armado, coberto de escamas fortes e duras, capazes de resistirem a um golpe de espada. Com essa carapaça, fazem os selvagens cestinhos chamados caramemo; encurvada parece manopla de armadura. A carne do tatu é branca e muito saborosa. Não vi, porém, nesse país, nenhum quadrúpede semelhante, na altura das pernas, ao que Belon representou no fim do terceiro livro de suas observações com o nome de tatu do Brasil. (Léry, 1961: 114).

A seguir, o mesmo autor menciona o jacaré, réptil originário do Brasil.

Crocodilos, chamados jacarés<sup>68</sup>, os quais têm a grossura da coxa de um homem e comprimento proporcional; não são perigosos, pois como me foi dado ver muitas vezes, os selvagens os trazem vivos para as suas casas e as crianças brincam em redor deles sem mal algum. (Léry, 1961: 114).

Também existem outros nomes que entraram no português devido à diversidade de espécies de animais no Brasil. Muitas destas espécies receberam vocábulos tupis guarani na sua composição. Portanto, são denominados tupinismos. De entre estes se destacam os seguintes: Capivara, tucano e pacu. Capivara, s.f. (Brasil)

---

66 Jean de LÉRY. (1980) *Viagem à Terra do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia. Disponível em [http://www.ufrgs.br/proin/versao\\_1/viagem/index04.html](http://www.ufrgs.br/proin/versao_1/viagem/index04.html), [consultado em 23-06-2015].

67 Tatu nome comum a várias espécies de mamíferos desdentados da América do Sul; (Brasil). Variedade porco doméstico. Tomo II, pg. 1409.

68 Jacaré-açu, s.m. (Brasil) espécie de saúrio. Tomo II, pg. 896.

Mamífero; maior dos roedores.<sup>69</sup> Conforme o Dicionário ilustrado Tupi Guarani<sup>70</sup>, Capivara é “kapii’ guara”, ou seja, comedor de capim.

O “Pacu, certo peixe, de que se contam as três espécies tinga, piranga e pinima.” (Dias, 1858:130).<sup>71</sup> Neste sentido mencionam-se também as subespécies Piránga e tinga: “Piránga, vermelho. Mabaê Piránga oaê, couza vermelha.”<sup>72</sup> “Tinga, couza branca: fastienta. Ybytu tinga, nuvem.”<sup>73</sup>

Com intenção de encontrar *brasileirismos* nos dicionários portugueses, referencia-se o *Dicionário completo. Língua Portuguesa. Tomo II*, onde tucano: (do guar. Tucan), s.m. (ornit.) (Brasil) ave trepadora do Brasil, de bico muito comprido; <sup>74</sup> “Tucanabóia, s.f. espécie de cobra das regiões do Amazonas.”<sup>75</sup>

## 5- As principais gramáticas da língua geral do Brasil.

Apesar de os índios terem sido quase dizimados pelos bandeirantes paulistas, os jesuítas dedicaram-se à árdua tarefa de passar para a escrita tudo o que ouviram os índios dizerem, tal como se verifica nas seguintes gramáticas: *A Arte de gramática da Língua mais Usada na Costa do Brasil* (1595); de José de Anchieta (1534-1597), onde o autor mostra as regras de utilização e a fonética da língua em uma gramática prática que pode ser utilizada como um manual básico de aprendizagem, mais focada no uso da língua tupi do que nas regras gramaticais. Já na obra *A Arte da Língua Brasileira* (1878) de Luís Figueira, uma gramática bilingue, pode-se encontrar uma gramática normativa mais parecida com as gramáticas atuais que, em geral, são utilizadas para ensinar as classes das palavras e os verbos, relacionados conforme tempos, modos e conjugações. Devido à facilitação destes gramáticos, a língua geral do Brasil passou a ser utilizada como meio de comunicação entre brancos e índios.

Os materiais linguísticos existentes foram produzidos, sobretudo por missionários jesuítas portugueses, entre os quais se destacam as figuras do padre José de Anchieta, que já em 1595 publicou uma gramática tupi, e a do padre Luís Figueira, autor de uma gramática

69 Dicionário Completo da Língua portuguesa. Tomo I, pg.298.

70 *Dicionário ilustrado Tupi Guarani*. Disponível em <http://www.dicionariotupiguarani.com.br/dicionario/capivara/>, [consultado em 14-06-2015].

71 Antônio Gonçalves Dias. (1858) Dicionário da língua tupy: chamada língua geral dos indígenas do Brasil. Disponível em <https://books.google.pt/books?id=BIYvAAAAYAAJ&hl=pt-PT&pg=PR1#v=onepage&q&f=false>, [consultado em 29-09-2015].

72 Idem Dias pg. 139.

73 Idem Dias pg.171

74 Idem Tomo II pg. 1472.

75 Idem Dias pg. 174

sobre a mesma língua. Há também materiais produzidos por não missionários, destacando-se entre eles o francês Jean de Léry, que deixou observações sobre aspectos do tupi (o ava-nheeng, lit. “língua de gente”: ava ‘gente’, nhe’ eng ‘fala, língua’).(Seiki, 2000: 235).

Para Sampaio (1901:19), a língua tupi era muito expressiva e rica em vocabulário. Conforme Anchieta, a língua tupi era tão perfeita que podia ser comparada com a língua grega. Também menciona as palavras do Padre Figueira utilizadas na *Arte da Língua Tupi*: “[...] é uma língua suave, elegante, mas estranha e copiosa." A beleza da língua tupi reflete-se no vocabulário brasileiro. Embora, conforme Moreira (s.d:2) a língua tupi existe no Norte – Pará, Amapá e Amazonas; Nordeste – no Estado do Maranhão; Centro-oeste – no Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás; Sudeste – no Estado do Rio de Janeiro, São Paulo e Espírito Santo e nos três estados da região sul, este trabalho centra-se no estudo da toponímia que prevalece até hoje nos estados do sul e sudeste brasileiro.

Um fato a ser destacado, é que praticamente todos os europeus que chegavam a solos brasileiros, aprendiam a língua indígena. Então, os jesuítas passaram a publicar textos não religiosos. José de Anchieta foi um deles. Ele escreveu não só mais de quatro mil textos, mas também criou a primeira gramática da língua tupi. Vale afirmar ainda que as outras gramáticas elaboradas posteriormente, também são resultantes de autores religiosos (Moreira: s.d: 3).

Devido à convivência dos portugueses e tupis no período colonial, o tupi recebeu aspectos fonológicos do PE, o que alterou significativamente a língua dos nativos tornando-a mais fácil e compreensível ao europeu. Essa mistura permaneceu no PB e contribuiu para que PB hoje seja distinto do europeu.

Já o português operou como superestrato sobre o Tupi. Muitas vogais Tupis passaram a assemelhar-se ao português. É o caso do /i’/ gutural, que passa a palatal; ou ainda, o desaparecimento das consoantes pré-nasalizadas do Tupi /m b/, /n d/, etc, passando a oral e nasalizando a vogal precedente, como em imbu, “uma árvore típica”, tamanduá “um animal típico”. A líquida Tupi tornou-se um /r/ português, em oposição distintiva com /l/. Os valores semânticos também mudaram muitas vezes de acordo com os valores semânticos portugueses, por exemplo, em tupã, “trovão”, feito nome para “Deus”, e ainda nas formas verbais, recebendo as noções de tempo futuro, de modo subjuntivo e outros. (França, 2002:197).<sup>76</sup>

---

76 Nilcéia Albuquerque França. (2002) Origens do Português no Brasil: da Crioulização ao Português Brasileiro. Disponível em <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/viewFile/2147/1628>, [consultado em 25-05-2015].



### Capítulo III- Brasileirismos

Quanto à definição do termo brasileirismo, servem as palavras do *Dicionário Completo da Língua Portuguesa. Tomo I*: “palavra ou expressão própria de brasileiro; qualidade de brasileiro; modo de ser dos brasileiros.”<sup>77</sup> Dentro do modo de ser brasileiro, destacam-se as palavras e expressões próprias, mas também a cultura brasileira, que foi construída com o contributo das culturas indígenas e africanas. Nesta pesquisa, ressalta-se a importância do léxico que entrou no português através destas vertentes, pois hoje as duas variantes do português, brasileira e portuguesa, diferem muito na constituição vocabular, nas expressões coloquiais e também na pronúncia devido ao contributo lexical e cultural desses povos.

Um dos argumentos que, durante o século XIX, fortaleceram a proposição de uma língua nacional no Brasil foi o de que a língua em uso apresentava elementos específicos, que atestariam uma diferença com relação à língua portuguesa. Em que consistiam esses elementos? Podemos resumi-los em dois tipos: a) elementos de língua portuguesa que passaram a ter uma significação diferente no Brasil; b) elementos provenientes de outras línguas (principalmente indígenas e africanas), que foram „incorporados” ao português. Ambos os tipos foram considerados dentro da categoria de „brasileirismos”. (Nunes, 2006: 225).<sup>78</sup>

Às palavras que surgiram no Brasil são denominadas de *brasileirismos*. Carmo (s.d:162) afirma que “como se fala no Brasil e não como se escreve em Portugal, ou seja, o lexicógrafo deixa explícito neste enunciado que existem diferenças entre a língua portuguesa do Brasil e a de Portugal.” Neste caso, valoriza-se a diversidade linguística, pois através do contato com as línguas nativas e africanas o português brasileiro recebeu muitas palavras novas e mudou a sua pronúncia, gerando deste modo uma nova variedade do português.

Pode-se defender, nesse caso, a ideia da língua portuguesa no Brasil como marca diferencial.

“A língua Nacional – é essencialmente a língua portuguesa, mas enriquecida na América, emancipada, e livre nos seus próprios movimentos.” “com esse intuito, e nesse fundamento, foram escritas páginas do nosso livro que não inculcam língua nova, mas revelam os matizes, as variações, e a originalidade do pensamento americano.” (Machado, : 20).

---

77 *Dicionário Completo da Língua Portuguesa. Tomo I. Texto Editores, Lda. Pg.246.*

78 Apud Anderson Braga do Carmo. *Os brasileirismos de Macedo Soares e os sentidos de um léxico brasileiro*. Disponível em [www.uel.br/.../os\\_brasileirismos\\_de\\_macedo\\_soares\\_e\\_os\\_sentidos\\_de\\_um\\_lexico\\_brasileiro.pdf](http://www.uel.br/.../os_brasileirismos_de_macedo_soares_e_os_sentidos_de_um_lexico_brasileiro.pdf), [consultado em 10-10-2014].

Nunes (2006:225) concorda com a ideia nacionalista de Machado, pois para o autor o estatuto linguístico assume o papel definidor de nacionalidade. Brasileirismos são vocábulos ou expressões distintos da língua portuguesa.

Visto o modo de aparecimento da noção, questionemos sua definição. Os brasileirismos são considerados como "termos", "palavras" ou "expressões" que, por sua diferença de sentido ou de significação com relação à língua portuguesa, ganham um estatuto linguístico definidor de nacionalidade. (Lopes, 1996:240)

Lopes (1996:240) menciona que os brasileirismos são palavras e expressões que confirmam as influências indígenas e africanas. Para o autor, não basta enumerar as palavras e descrever seus significados, pois as definições das palavras sofrem alterações no decorrer da história. Lopes (1996:2)<sup>79</sup> constatou que “[...] com a introdução progressiva dos brasileirismos ao nível abstrato da língua. Ela decorre de vários estados da produção de saber linguístico e das transformações que eles sofreram ao longo dos processos históricos.” É necessário valorizar o progresso da língua e o enriquecimento vocabular que foram adquiridos através de influências culturais que geraram e depois fizeram evoluir esses termos, pois quem define o alargamento dos dicionários é o povo, através do uso que dá a palavras e expressões.

Isso estabelece um parâmetro empírico que facilita a enumeração dos elementos dessa categoria. Por exemplo, brasileirismos são palavras como: pipoca, mandioca, sapecar, batuque, candomblé, vatapá. Lambuzar, garoar, bonde, etc., ou expressões como esticar a canela, bater as botas, estar de venta inchada, etc. Isto posto, fica em aberto a interpretação desses termos, e é este justamente o ponto em que, a nosso ver, emerge a questão da unidade de língua. Esse ponto coincide também com o momento em que o léxico é tomado enquanto discurso. Os discursos sobre os brasileirismos, que incluem o modo de defini-los, prová-los, explicá-los, teorizá-los. Constroem as filiações para a língua que se visa legitimar. (Lopes, 1996:240)

## 1- O contributo dos brasileirismos para a língua portuguesa

Os brasileirismos cooperaram para o enriquecimento do léxico do português devido à necessidade de nomear novas realidades, identificar novas espécies existentes na fauna e flora brasileira e também objetos até então desconhecidos pelos

---

79 José Horta Nunes (s.d.). Formação do Léxico e Saber Linguístico. Disponível em [http://www.iel.unicamp.br/cefiel/alfaletas/biblioteca\\_professor/arquivos/43Formacao%20do%20Lexico%20e%20Saber%20Linguistico.pdf](http://www.iel.unicamp.br/cefiel/alfaletas/biblioteca_professor/arquivos/43Formacao%20do%20Lexico%20e%20Saber%20Linguistico.pdf), [consultado em 04-03-2015].

descobridores. Figueiredo (1913: IV)<sup>80</sup> confirma o enriquecimento vocabular do português através do Brasil, pois menciona no prólogo do *Novo dicionário da Língua Portuguesa* que entraram mais de sete mil brasileirismos na língua portuguesa.

O léxico de uma língua engloba o conjunto de signos linguísticos por meio dos quais o homem não só se expressa, se comunica, mas também gera novos conhecimentos e/ou assimila saberes que outros homens criaram, não só na sua civilização, mas também em outras civilizações. (Biderman, 2001: 1)<sup>81</sup>

Deste modo, o enriquecimento lexical também engloba a absorção de heranças culturais, novos conhecimentos e outros jeitos de falar e viver. Dentro do modo de falar entram as expressões idiomáticas portuguesas e brasileiras. Segundo Camacho (2008:44)<sup>82</sup>: “[...] ao lado de previsíveis diferenças entre muitas expressões, principalmente aquelas ligadas ao passado sociocultural de cada povo, podemos encontrar formulações idiomáticas quase idênticas.” Neste sentido, toma-se como exemplo a expressão idiomática “a passos de tartaruga” e as correspondências encontradas por Camacho (2008: 45) no português de Portugal: “em Portugal encontramos 5 equivalentes, sendo que dois deles remetem ao mesmo tipo de animal – a passos de tartaruga e a passos de cágado - porém, os outros não – a passos de caracol, a passos de lesma e a passo de boi.”

Depois da independência do Brasil, houve necessidade de o brasileiro olhar para dentro da sua cultura e valorizar os povos que contribuíram mais significativamente para a formação da do português do Brasil e também do léxico que entrou no português através destes povos.

[...] voltados para a autoafirmação da identidade através da (re) valorização das línguas e culturas indígenas e que, ao mesmo tempo, buscam propiciar o domínio efetivo do português enquanto instrumento proporcionador da troca de experiências com o mundo não indígena e da aquisição e manipulação dos conhecimentos desse mundo em benefício próprio. (Seiki, 2000: 247)<sup>83</sup>

A questão dos brasileirismos foi discutida no *6º Encontro Celsul - Círculo de Estudos Linguísticos do Sul* e transmitida por Aderlande Pereira Ferraz, em que cita Geraldo da Cunha (1982, p. 122) “o termo brasileirismo começou a ser usado em

---

80 Cândido de Figueiredo (1913). *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Disponível em <http://www.gutenberg.org/files/31552/31552-pdf.pdf>, [consultado em 09-09-2015].

81 Maria Tereza Camargo Biderman (2001). *Dicionário e léxico do Português Brasileiro*. S.Paulo, Editora Martins Fontes, 2001.

82 Beatriz Facincani Camacho (2008). *Estudo Comparativo de Expressões Idiomáticas do Português do Brasil e de Portugal e do Francês da França e do Canadá*. Disponível em [http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/86577/camacho\\_bf\\_me\\_sjrp.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/86577/camacho_bf_me_sjrp.pdf?sequence=1&isAllowed=y)

83 Lucy Seki (2000). *Línguas Indígenas do Brasil no Limiar do Século XXI*. Disponível em [www.etnolinguistica.org/artigo:seki-2000](http://www.etnolinguistica.org/artigo:seki-2000), [consultado em 11-03-2015].

1899". Ferraz (s.d: 1) definiu alguns critérios para explicar a origem dos brasileirismos, entre eles, vale ressaltar os que a seguir se referem.

Para encontrar as diferenças existentes nas variedades do português americano e europeu, Ferraz (s.d: 1) destaca os fatos linguísticos específicos de cada região do Brasil que se denominam mineirismos, gauchismos, baianismos, pois acrescentam mais léxico na variedade brasileira. A seguir, Ferraz (s.d: 1) menciona o sentido lato, ou seja, fatos linguísticos que são encontrados em várias regiões brasileiras. Para esta especificação, enquadra as palavras de Camara (1978:66):<sup>84</sup> "Qualquer fato linguístico peculiar ao português usado no Brasil, em contraste com o fato linguístico correspondente peculiar ao português usado em Portugal ou lusitanismo."

No que se refere às particularidades do português brasileiro, ou seja, às características regionais da língua que acrescentam mais léxico ao português do Brasil distanciando-a do português europeu, valorizam-se as considerações de Nunes (s.d:1)<sup>85</sup>: "A questão da formação de um léxico brasileiro, [...] acompanhado dos movimentos nacionalistas". Esta constituição é feita através de características específicas de cada região. Assim, todos os dialetos locais contribuem para a formação do lexico nacional:

[...] o discurso lexicográfico é aquele em que ocorre um trabalho do léxico em relação a ele mesmo. Isto é, o léxico se parafraseia. Ou, dito de outro modo, o discurso sobre o léxico, ao se constituir, o faz através de elementos ou sequências lexicais, que por sua vez tomam-se objeto de outros discursos e assim sucessivamente. (Nunes, 1996: 14)

Sobre as diferenças fonéticas e vocabulares que caracterizam as duas variantes, Jota (1981:53) constatou que "qualquer fato linguístico característico do port. falado no Brasil. (...) e é justamente na fonética e no vocabulário que mais se distinguem os falares de Portugal e do Brasil."<sup>86</sup>

---

84 APUD Aderlande Pereira Ferraz. Formação de Palavras no Português do Brasil: A Questão dos Brasileirismos. Disponível em <http://www.celsul.org.br/Encontros/06/Individuais/81.pdf>, [consultado em 09-08-2015]

85 José Horta Nunes (s.d). Formação do Léxico e Saber Linguístico. Disponível em [http://www.iel.unicamp.br/cefiel/alfalettras/biblioteca\\_professor/arquivos/43Formacao%20do%20Lexico%20e%20Saber%20Linguistico.pdf](http://www.iel.unicamp.br/cefiel/alfalettras/biblioteca_professor/arquivos/43Formacao%20do%20Lexico%20e%20Saber%20Linguistico.pdf), [consultado em 09-08-2015].

86 Apud Aderlande Pereira Ferraz. Formação de Palavras no Português do Brasil: A Questão dos Brasileirismos.

Para Nunes (1996:14)<sup>87</sup>, os *brasileirismos* surgiram à medida que houve necessidade de definir uma língua nacional com identidade própria e distinta do português europeu:

[...] esse discurso é aquele que coloca o léxico como representante de uma língua, isto é. Ele diz o que é o léxico de uma língua. O lugar do léxico só aparece na medida em que se formula um discurso sobre a língua, no qual se inclui o modo como ele faz parte dela. Pode-se exemplificar com os discursos de constituição das línguas nacionais, em que o léxico é remetido aos domínios de uma nação, ou seja, ao modo de representação linguística da nação, que atualmente tem no dicionário e na gramática sua maior expressão. (Nunes, 1996: 14)

Apesar desta alteração, o PB conservou a maioria das estruturas gramaticais já existentes no português europeu. Neste sentido, acham-se úteis as palavras de Sampaio (1901) que demonstra como o tupi alterou a gramática, o léxico e a pronúncia brasileira:

Adoptavam os próprios portugueses os usos e até falar brasílico, preferindo as expressões tupis aos dizeres da própria língua, em que alias, não faltavam vocábulos e locuções igualmente expressivas. [...] alteravam-se ao contato dessa língua bárbara a prosódia e a sintaxe portuguesa. Desapareceram-se as vogais mudas e breves e prevaleceram as graves e agudas. Os verbos tupis moldaram-se pelos do português incorporando-se em grande número neste último e, como se incorporaram nomes de plantas, animais, frutos e objectos de uso doméstico. (Sampaio 1901: 13-14)<sup>88</sup>

Embora o Brasil tenha herdado a língua portuguesa dos europeus, distanciou-se do PE principalmente na colocação dos pronomes, invertendo a sua posição.

[...] das construções relativas e da retenção pronominal nas sentenças encaixadas e matrizes, destacando o fato de que, enquanto no português europeu, a retenção do pronome é muito baixa na posição de sujeito e muito alta na posição de objeto, a tendência no português do Brasil seria exatamente a inversa: um incremento do uso do pronome na posição de sujeito e um significativo decréscimo da retenção do pronome na posição de objeto. (Luchesi, 2001:99)

Confirma-se esta alteração da posição pronominal no poema de Oswald de Andrade “Prenominais”:

Dê-me um cigarro  
Diz a gramática  
Do professor e do aluno  
E do mulato sabido  
Mas o bom negro e o bom branco  
Da Nação Brasileira  
Dizem todos os dias

---

87 José Horta Nunes (1996). Discurso E Instrumentos Linguísticos no Brasil: Dos Relatos De Viajantes Aos Primeiros Dicionários. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/264149043/Discurso-e-instrumentos-linguisticos-no-Brasil-Nunes-Tese-pdf#scribd>, [consultado em 09-08-2015].

88 Theodoro Sampaio. (1901). O Tupi na Geographia Nacional. Instituto Geográfico histórico, São Paulo.

Deixa disso camarada  
Me dá um cigarro.<sup>89</sup>

Percebe-se que a língua portuguesa alterou alguns aspectos gramaticais das línguas nativas, mais propriamente tupi-guarani, gerando uma língua nova, chamada pelos colonizadores de língua geral, pois o tupi foi documentado pelos jesuítas, conforme a gramática do português europeu.

Conforme Nunes (1996: 57) as línguas indígenas vieram renovar o vocabulário português, por não ser uma língua morta e rica em palavras: “É a língua indígena, tomada síncronicamente, que, de par com o português (ou o alemão, o francês, o latim, conforme a língua de cultura do viajante), estabelece a conjunção de língua que servirá de base a uma lexicografia local.”

Deste modo, durante quase três séculos prevaleceram os estudos sobre língua indígena. Este fato não é sem importância para a posterior reivindicação de uma língua nacional, distinta do português de Portugal, pois um dos principais argumentos para a legitimação desta é justamente a presença de elementos lexicais provindos do contato com línguas indígenas, assim como com línguas africanas. Esse estado de coisas nos faz estabelecer uma relação entre a gramatização das línguas indígenas e a gramatização do português do Brasil. Portanto, é essa filiação indígena, e não apenas a origem latina, como no caso do português, do espanhol, do francês, etc., que é solicitada para a construção da unidade linguística nacional. (Nunes, 1996:20)

No que se refere à entrada de *africanismos* no português do Brasil, vale referir o estudo feito por Queiroz, sobre a influência africana que é muito significativa na língua e na cultura brasileira. Conforme o estudo organizado por Queiroz (2008). *Brasilidades que vêm da África*. Com o contributo de alguns pesquisadores, reuniram-se os vocábulos de alguns campos semânticos, tal como as músicas, as danças, vocábulos religiosos, nomes de divindades e qualidades pejorativas com intuito de provar os *brasileirismos* provenientes das línguas africanas no PB.

Neste artigo sobre *Brasilidades que vêm de África*, também se destacam as comidas africanas que hoje fazem parte da culinária brasileira. O Brasil foi enriquecido pela culinária africana que está presente em alguns estados brasileiros, onde a população é em sua maioria descendente de africanos.

A presença do negro na cultura brasileira merece destaque nos estudos referentes à constituição da identidade linguística nacional. Não há como negar a contribuição do africano para a cultura

---

89 Oswald de Andrade (1972). Obras completas, Volumes 6-7. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. Disponível em <http://pensador.uol.com.br/frase/NTU4NjA3/> [consultado em 26-03-2015].

brasileira em seus diversos aspectos como a língua, religião, arte, e, sobretudo, alimentação. (Queiroz, 2008:31)<sup>90</sup>

Para confirmar as influências das duas culturas na lexicografia e cultura brasileira, Nunes (1996:15) - *Discurso E Instrumentos Linguísticos no Brasil: Dos Relatos De Viajantes Aos Primeiros Dicionários*, aprofundou-se o estudo de autores brasileiros que compilaram dicionários de termos brasileiros e se dedicaram à investigação sobre a origem dos *brasileirismos* e a sua composição. “aliando discurso e língua, voltaram-se para o estudo da constituição do léxico e da história dos instrumentos lexicográficos no Brasil.”

A emergência da lexicografia no Brasil é associada geralmente aos momentos em que os dicionários do português passam a incorporar termos brasileiros. Nessa categoria de "termos brasileiros" incluíram-se principalmente termos indígenas, africanos e portugueses modificados no Brasil. Nesse sentido, a lexicografia brasileira teria se iniciado com o dicionário de Moraes e Silva. Teria se desenvolvido com a crescente introdução desses termos em dicionários posteriores do português, assim como em dicionários de regionalismos e brasileirismos. (Nunes, 1996: 42)

Na introdução do *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* de Cândido Figueiredo compilado em (1913: VII)<sup>91</sup> menciona que: “muitas espécies de plantas úteis que não pertenciam não pertenciam a lexicografia [...] 1:500 videiras, numerosos frutos[...] que só agora entraram no vocabulário português.” Ao contrário de outros autores, Figueiredo acrescenta ao léxico do PB antigos portuguesesismos que foram levados pelos colonizadores portugueses e permaneceram no PB.

Nem todos os termos a que eu aponho a nota *brasileirismos*, e como tais considerados pelos mais conspícuos vocabularistas, como Beaurepaire-Rohan, provenieram dos tupis ou foram criados por brasileiros. Muitos deles são velhos portuguesesismos, que partiram daqui com os descobridores e colonizadores da terra de Santa-Cruz e lá vivem e prosperam ainda [...] (Figueiredo, 1913: VI).

Figueiredo (1913:VI) confirma a opinião de outros autores quanto à existência de diferenças entre as duas variedades do português, mas unifica a língua portuguesa, apesar das suas variedades que diferenciam a pronúncia e a lexicografia das duas variantes, acrescentando que muitos antigos portuguesesismos permanecem no português do Brasil, enquanto já deixaram de ser utilizados em Portugal.

---

90 Daniela Chaves Ribeiro, Lucas de Oliveira Marquesini, Sonia Queiroz (org.). (2008) *Brasilidades que vêm da África*. Culinária. FALE/UFMG. Disponível em <http://150.164.100.248/vivavoz/data1/arquivos/brasilidades-site.pdf>, [consultado em 16-03-2015].

91 Cândido Figueiredo (1913) *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Disponível em <http://www.gutenberg.org/files/31552/31552-pdf.pdf>, [consultado em 16-03-2015].

Sucede, porém que o português do Brasil não é precisamente o português europeu: recebeu numerosos termos da população indígena, e o tupi entrou como elemento constituinte no organismo da moderna linguagem brasileira. [...] não pode prescindir dos termos brasílicos, que são inseparáveis da linguagem portuguesa, praticada além atlântico. (Figueiredo, 1913: 5).

Com base no vocábulo Brasil, relacionam-se alguns que dele derivaram; primeiramente o nome Brasil serve para identificar uma planta que deu muito lucro à coroa portuguesa, enquanto explorava as riquezas das terras brasileiras e a seguir alguns termos relativos à identificação do nome brasileiro e dos adjetivos que o qualificam. Deste modo, faz-se uma pequena representação de como o PB contribuiu para a expansão do léxico da língua portuguesa.

**Brasil** 1\*m.Planta leguminosa, de que se tira o pau-brasil.\*Ant.C^or encarnada, com que as senhoras se enfeitavam.Adj.Diz-se de um pau vermelho empregado em tinturaria.M. pl. As terras do Brasil;  
**Brasileira** f. Bras. Planta ornamental de folhas verdes, matizadas de branco.  
**Brasileirada** f. Deprec. Porção de Brasileiros. Os Brasileiros.  
**Brasileiramente** adv. A maneira dos Brasileiros.  
**Brasileirice** f.Expressão abrasileirada. Languidez, dengue: “brasileirices inflammatorias”. Camillo, Corja, 171.  
**Brasileirismo** m. Expressão própria de Brasileiros.  
**Brasileiro** adj. Relativo ao Brasil: o povo brasileiro. M. Aquelle que é natural do Brasil.\*Pop. Português, que residiu no Brasil e que regressou, trazendo mais ou menos haveres; homem ricoço. (DeBrasil, n. p.)  
**Brasilense** adj. O mesmo ou melhor que brasiliense.  
**Brasilete** (l^e) m. Espécie de pau-brasil.\*Planta binthácea, que dá madeira encarnada. (De brasil).  
**Brasileto** (l^e)m. Espécie de pau-brasil.\*Planta binthácea, que dá madeira encarnada. (De brasil).

(Figueiredo, 1913: 305-306).

Rohan (1899: VI-VIII)), autor do *Dicionário de Vocábulos Brasileiros*, ressalta a importância dos topónimos indígenas na composição da geografia brasileira. Devido à precisão do seu dicionário, o autor serviu de referência para muitos estudiosos da língua das influências indígenas no PB.

Reconheço que o meu Dicionario de Vocábulos Brasileiros melhor preencheria seu titulo se compreendesse a totalidade das denominações vulgares dos nossos produtos naturais, das tribos dos aborígenes que existiram e ainda existem em nosso país, e das localidades, cuja etimologia ó tão rica de poesia. (Rohan, 1899: 1)<sup>92</sup>

A. Jarushkin (1986:366) fala das semelhanças vocabulares existentes entre a variante brasileira e angolana do português. “eu quereria abordar o assunto dos

---

92 Visconde de Beaurepaire Rohan (1889). *Dicionário de Vocábulos Brasileiros*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional. Disponível em <https://archive.org/stream/diccionariodevo00rohaogoo#page/n9/mode/2up>, [consultado em 16-03-2015].



chamados «brasileirismos» do nível lexical que se empregam de igual modo no português de Angola, e expressar neste pelo menos algumas considerações, acerca do termo «brasileirismo».”<sup>93</sup> Primeiramente, A. Jarushkin fala sobre a influência das línguas bantu no PB:

Como é sabido, a partir do século XVI muitos empréstimos das línguas bantu (em particular do quimbundo) penetraram no português do Brasil através da fala dos escravos africanos, cuja considerável parte (alguns milhões de pessoas) tinha sido levada de Angola. (Jarushkin, 1986: 366)

A seguir, o mesmo autor relaciona algumas palavras existentes nas duas variantes que são semelhantes na grafia, mas diferentes na acentuação:

Algumas palavras de procedência angolana mudaram da sua semântica, guardando forma, p. ex.: «cacimba» - «poço artificial» (cf. ang. «lugar baixo onde se junta a água»), «macuta» - «ninharia» (cf. ang. antiga moeda angolana de baixo valor»), etc. Outras palavras de procedência angolana receberam na variante brasileira uma nova acentuação, guardando a sua significação, p. ex.: «fubá» (cf ang. «fuba»), «gongol5» (cf. ang. «gongolo»), «mateté» (cf ang. «matete»). (Jarushkin, 1986: 366)

O autor também menciona vocábulos que devido à influência angolana entraram no português, mais propriamente do quimbundo, que foi fulcral para o enriquecimento do PB.

Este facto possa levar á melhor adaptação na variante angolense de certas unidades lexicais — brasileirismos da origem até africana (empréstimos do quimbundo), a não dizer já das particularidades que apareceram graças aos processos linguísticos internos do próprio português. (Jarushkin, 1986: 367)

Realmente alguns vocábulos que surgiram no PB foram assimilados pelo PE, por serem termos novos e que designavam realidades surgidas durante o período da escravatura no Brasil. Neste sentido, mencionam-se as palavras *Mocambo*, *quilombo* e *quilombola*. *O Dicionário Completo da Língua Portuguesa Tomo II* <sup>94</sup> denomina estas palavras como brasileiras:

**Mocambo**, s.m. (Brasil) Choca que serve de abrigo aos negros fugitivos; palhoça.

**Quilombo**, s.m. (Brasil) Cabana no Mato onde os negros fugitivos se recolhem.

**Quilombola**, s.m. (Brasil) Nome dado aos negros fugitivos, açoitados em quilombos.

Para os eruditos que escreveram a gramática da língua brasílica ou brasileira, que era simples e fonética, pois os povos nativos não conheciam a escrita.

93 A. Jarushkin. (1986) Brasileirismos no português de Angola? Disponível em <http://revistas.ucm.es/index.php/RFRM/article/view/RFRM8686110365A>, [consultado em 26-06-2015].

94 *O Dicionário Completo da Língua Portuguesa Tomo II. Texto Editores, Lda. (pg.1024 e 1240)*

Os indígenas somente conheciam a própria cultura e viviam conforme a sua própria lei. Devido à sua simplicidade, precisavam de poucos objetos para sobreviver. No entanto, esta língua brasílica ou tupi foi falada por muitos portugueses que viviam no Brasil na época colonial e até foi utilizada pelos portugueses como língua de contato entre eles e outros povos indígenas.

Uma língua que faltando-lhe 4 letras F, L, S, Z, os verbos auxiliares, a voz passiva dos verbos, os acidentes dos nomes, que não dobrando consoantes, nem ajuntando mudas e líquidas; que não tendo em tempos gramáticos originais que a regulassem, oradores, poetas e historiadores, que a ilustrassem e que apesar de tudo isto dela fé predicam pelos doutos a delicadeza, facilidade, suavidade, copia, elegância, e que ultimamente se compara na perfeição a grega. (Veloze, 1742-1811).<sup>95</sup>

O português do Brasil contribuiu para a expansão da língua portuguesa. O português recebeu novas palavras que eram comuns no cotidiano e costumes indígenas, que eram comparadas a outros termos portugueses, para que pudessem ser compreendidas em Portugal. Neste contexto, insere-se, por exemplo, a palavra “peteca”, pois está entre as palavras surgiram no Brasil e foram inseridas no português. Conforme Nunes, (1996: 155): “[...] um neologismo, explicada em relação a termos do português: a determinação do nome peteca se realiza por uma relação de paráfrase (“peteca”/“espécie de volante ou sopapo feito de folhas de milho, que as crianças lançam ao ar com a mão”). Na mesma página o autor destaca que a palavra “peteca” surgiu no Brasil, e são termos que devem ser denominados *brasileirismos*.

Percebe-se que há a demarcação de pontos de passagem entre estados de língua, através de expressões como “daqui vem”, “daqui se originou”, que relacionam pontos de origem e pontos de chegada. O primeiro estado no exemplo acima traz uma tradução, com sinonímia e explicação do uso em uma língua originária (“Çoba-peteca, bater no rosto, esbofetear, pana peteca, lavar roupa, mas lavar batendo e não somente esfregando”). (Nunes, 1996: 155)

E assim, o modo de falar brasileiro foi sendo modificado. Aqui também se encaixa o poema da Oswald de Andrade: “Vício da fala”, pois este demonstra como se fala no Brasil, omitindo as consoantes finais [r] e [s]. O que segundo Castro (s.d: 10)<sup>96</sup>, são semalhantes ao demodo falar banto e iorubano: “A tendência do falante brasileiro em omitir as consoantes finais das palavras, [...] \*falá, \*dizê, \*Brasiu, coincide

95 José Mariano da Conceição Velozo (1742-1811). Dicionário Português, e Brasileiro. Disponível em <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00649100#page/7/mode/1up>, [consultado em 24-03-2015].

96 Yeda pessoa de Castro (s. d.). A Influência das Línguas Africanas no Português Brasileiro [em linha]. Disponível em <http://www.educacao.salvador.ba.gov.br/documentos/linguas-africanas.pdf> [consultado em 12-06-2014].

com a estrutura silábica das palavras em banto e em iorubá, que nunca terminam em consoante.”

Para dizerem milho dizem mio  
Para melhor dizem mió  
Para pior pió  
Para telha dizem teia  
Para telhado dizem teiado  
E vão fazendo telhados.<sup>97</sup>

O poema Andrade confirma estas variações linguísticas existentes na fonética do PB.

---

97 Oswald de Andrade (1972). Obras completas, Volumes 6-7. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. Disponível em <http://pensador.uol.com.br/frase/NTU4NjA3/>, [consultado em 26-03-2015].

## Conclusão

Este trabalho baseia-se no estudo do léxico que entrou no português do Brasil através das línguas indígenas e africanas. As riquezas dos nomes brasileiros ou brasileirismos que entraram no português são inúmeros e este trabalho fez-se pequeno para que fosse dito tudo o que se tinha intenção de dizer, pois foram abordados 3 temas que, na verdade, se resumem a um. Os *africanismos* e *tupinismos* são na realidade *brasileirismos* que entraram na língua portuguesa via Brasil.

Os tupinismos estão presentes em vários campos semânticos, tais como na fauna, flora e nomes de acidentes geográficos e localidades brasileiras, mas os africanismos influenciaram de forma muito significativa também, pois estão presentes na religião, nas danças, nos instrumentos musicais, na culinária, na indumentária e também na toponímia local. Este trabalho fixou-se na toponímia mineira e destacou-se a predominância da língua banta nesta região.

As línguas indígenas atualmente são mais valorizadas no Brasil, pois existe a necessidade de o brasileiro redescobrir as suas origens e alguns investigadores têm-se dedicado ao estudo da língua tupi. Inclusive existe no Brasil formação para professores de português para indígenas. Apesar de os meios de comunicação terem se desenvolvido fortemente, os indígenas ainda utilizam o português como L2, o que dificulta que tenham domínio total da língua portuguesa e criem uma variante indígena do português. Por esse motivo, existe um grande esforço dos brasileiros em aprenderem o tupi-guarani e até já se falou na hipótese de o tupi ser ensinado nas escolas brasileiras.

Muitos nomes de rios, montanhas, vales e cidades dos estados do sul e sudeste brasileiro, levam nomes tupis nas suas denominações, pois pela toponímia local pode-se identificar que eles dominaram as regiões costeiras do Brasil e dali se espalharam pelo Brasil junto com os bandeirantes e batizaram muitos locais por onde passaram. O estado do Paraná tem nome indígena e a sua capital Curitiba também é formada por topónimos tupis.

No que se refere aos africanismos, são termos de origem africana que entraram no português. No Brasil, nota-se que eles são, em grande parte, provenientes das influências religiosas, pois o negro precisava dos auxílios das divindades no momento

em que vivia escravizado, por isso buscava força através dos seus rituais e oferendas aos seus santos. Existe influência religiosa em vários campos lexicais: nas danças, nos instrumentos, nas comidas e nas músicas. Nas danças destacam-se o axé music, ritmo carnavalesco proveniente dos blocos africanos, o maxixe, o bumba-meu-boi, a capoeira, o samba, o batuque e o bloco afro. Nos instrumentos, vale a pena citar o agogô, que é um instrumento utilizado nos rituais do candomblé, e o abon que são campas de metal amarelo utilizadas nas cerimônias do candomblé para convidar os fiéis a darem comida aos santos. Nas comidas, merecem destaque o vatapá ou acarajé de orixá, os ebós que são utilizados nas oferendas dedicadas aos orixás e também o efó, outra iguaria de língua de vaca. Deste modo, a religião influenciou significativamente o léxico e a cultura brasileira, pois as denominações dos ritos, objetos e comidas utilizados nas religiões brasileiras entraram nos dicionários e dessa forma contribuíram para a sua expansão.

Segundo o dicionário Tomo I (s.d) “brasileirismos são: palavra ou expressão própria de brasileiro; qualidade do brasileiro; modo de ser dos brasileiros.”<sup>98</sup> Neste sentido, os brasileirismos reúnem as expressões coloquiais que surgiram no Brasil ou outras que foram herdadas de Portugal e adaptadas à cultura ou modo de ser brasileiro. Uma cultura inclui os jeitos e costumes de um povo. Na cultura brasileira estão incluídas várias culturas que foram transportadas para o Brasil e nela permaneceram. Muitos povos migraram para o Brasil e sobreviveram dentro de suas colônias e conservaram os seus costumes, festas e crenças. Por isso, o Brasil tem regiões de cultura italiana, portuguesa, ucraniana, japonesa, africana e mantém traços da cultura indígena. Neste trabalho apenas foram destacados traços culturais e lexicais indígenas e africanos, pois contribuíram significativamente para o modo de ser brasileiro.

---

98 Tomo I- Dicionário da Língua Portuguesa. Pgs 246-247

## Referências

- ALBUQUERQUE E, W., R. (1887-1910). *Esperanças de Boaventuras: Construções da África e Africanismos na Bahia*. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-546X2002000200001](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-546X2002000200001), [consultado em 22-06-2015].
- ALVES A., S. (2011). *A Crioulização em Glissant e a Presença de Africanismos na Língua Portuguesa do Brasil*. *Revista Philologus*, Ano 17, nº 51, set./dez.2011 – Suplemento. Rio de Janeiro: CiFEFiL. Disponível em [www.filologia.org.br/vi.../a\\_crioulizacao\\_em\\_glissant\\_AMANDA.pdf](http://www.filologia.org.br/vi.../a_crioulizacao_em_glissant_AMANDA.pdf), [consultado em 01-03-2015].
- AMORIM M., A. (2005). *Os Franciscanos no Maranhão e Grão-Pará: missão e cultura na primeira metade de seiscentos*. *Centro de estudos de história religiosa. Universidade*. Disponível em [http://www.academia.edu/7830217/2005\\_Os\\_Franciscanos\\_no\\_Maranh%C3%A3o\\_e\\_Gr%C3%A3o-Par%C3%A1\\_miss%C3%A3o\\_e\\_cultura\\_na\\_primeira\\_metade\\_de\\_Seiscentos](http://www.academia.edu/7830217/2005_Os_Franciscanos_no_Maranh%C3%A3o_e_Gr%C3%A3o-Par%C3%A1_miss%C3%A3o_e_cultura_na_primeira_metade_de_Seiscentos). [consultado em 13-10-2015].
- ANDRADE O. (1972). *Obras completas, Volumes 6-7*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. Disponível em <http://pensador.uol.com.br/frase/NTU4NjA3/>, [consultado em 26-03-2015].
- ANTONIO V. Nós, A gente e a Concordância em uma Comunidade Afro-brasileira Isolada. Disponível em <http://www.revistas.fflch.usp.br/papia/article/view/1726/1537>, [consultado em 22-05-2015].
- ARAÚJO A., P. de . *Mitologia Tupi-guarani*. Disponível em <http://www.infoescola.com/mitologia/mitologia-tupi-guarani/>, [consultado em 09-06-2015].
- ARAÚJO V., M., M. § FERREIRA L., F. *Tradição e modernidade no traje da baiana de escola de samba*. Disponível em <http://www.revistas.ufg.br/index.php/VISUAL/article/view/23097/13642>, [consultado em 01-03-2015].
- CÂMARA JR., J., M. (1986). *Dicionário de linguística e gramática*. Petrópolis: Vozes.

CARDIM F. (1925). *Tratados da terra e gente do Brasil*. Disponível em <http://www.etnolinguistica.org/biblio:cardim-1925-tratados>, [consultado em 23-06-2015.]

CASTRO M., de C., S. § QUEIROZ S. (2008 ). *Brasilidades que vêm da África. Música*. FALE/UFMG

CASTRO Y., P. (s. d.). A Influência das Línguas Africanas no Português Brasileiro [em linha]. Disponível em <http://www.educacao.salvador.ba.gov.br/documentos/linguas-africanas.pdf> [consultado em 11-08-2015].

CASTRO Y., P. (s. d.). Artigo: *Das línguas africanas ao português brasileiro* [em linha]. Disponível em <http://www.labjor.unicamp.br/patrimonio/materia.php?id=214> [consultado em 12-06-2014].

CASTRO Y.,P. (1983). *Das línguas africanas ao português brasileiro*. Disponível em <https://desenvrepositorio.ufba.br/ri32-jspui/bitstream/ri/3667/1/12121212.pdf> [consultado em 12 -06-2014].

CASTRO, Y., P. *A sobrevivência das línguas africanas no Brasil: sua influência na linguagem popular da Bahia*. Disponível em [https://desenvrepositorio.ufba.br/ri32-jspui/bitstream/ri/3626/1/afroasia\\_n4\\_5\\_p25.pdf](https://desenvrepositorio.ufba.br/ri32-jspui/bitstream/ri/3626/1/afroasia_n4_5_p25.pdf), [consultado em 17-06-2014].

CIVITA V. (1973). *Enciclopédia do Estudante. Volume 1-Àbaco a Churchill*. Editora nova Cultural Limitada, São Paulo, Brasil.

DIAS A., G. (1858) Dicionário da língua tupi: chamada língua geral dos indígenas do Brasil. Disponível em <https://books.google.pt/books?id=BIYvAAAAAYAAJ&hl=pt-PT&pg=PR1#v=onepage&q&f=false>. [Consultado em 23-06-2015].

DICK M., V., de P., do A. (2002- 2003) *A Toponímia Carioca e Paulistana*. Disponível em [http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ10\\_123-141.html](http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ10_123-141.html), [consultado em 23-06-2015].

EBONI A. (2011). *Ebó - Significado Completo*. Disponível em <http://www.juntosnocandomble.com.br/2011/06/ebo-significado-completo.html>, [consultado em 13-06-14]

FERRAZ A., P. *Formação de Palavras no Português do Brasil: A questão dos Brasileirismos*. Disponível em [www.celsul.org.br/Encontros/06/Individuais/81.pdf](http://www.celsul.org.br/Encontros/06/Individuais/81.pdf), [consultado em 22-05-2015].

FIGUEIRA P. (1687) *Arte da Língua Brasília*. Disponível em [http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Afigueira-1687-arte/figueira\\_1687\\_arte\\_brown.pdf](http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Afigueira-1687-arte/figueira_1687_arte_brown.pdf), [consultado em 14-04-2015].

FIGUEIREDO C. (1913) *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Disponível em <http://www.gutenberg.org/files/31552/31552-pdf.pdf>, [consultado em 16-03-2015].

FRANÇA N., A. (2002) *Origens do Português no Brasil: da Crioulização ao Português Brasileiro*. Disponível em <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/viewFile/2147/1628>, [consultado em 25-05-2015].

FREITAS D., A., S. (2010). Disponível em <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=20276>, [consultado em 06-10-2015].

GÂNDAVO P., de M. *Tratado da Terra do Brasil*. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000291.pdf> [consultado em 09-06-2015].

GUERRA D. (2010). *Corpo: Som e Movimento. Acalantos afro-brasileiros*. Disponível em [www.africaeaficanidades.com](http://www.africaeaficanidades.com). Revista África e Africanidades-Ano 2-n.8, fev.2010-ISSN 1983-2354, [consultado em 25-02-2015].

JARUSHKIN A. (1986). *Brasileirismos no português de Angola?* Disponível em <http://revistas.ucm.es/index.php/RFRM/article/view/RFRM8686110365A>, [Consultado em 26-06-2015].

JOTA, Z. dos S. (1981). *Dicionário de Linguística*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Presença.

LEITÃO A., R., B. (2008) *Dos Semeadores da Palavra: o ensino do Português junto dos «Gentios» (contributo para uma história da didáctica do português língua não materna)*. Disponível em [http://www.academia.edu/1453098/Dos\\_Semeadores\\_da\\_Palavra\\_o\\_ensino\\_do\\_Portugu%C3%AAs\\_junto\\_dos\\_Gentios\\_contributo\\_para\\_uma\\_hist%C3%B3ria\\_da\\_did%C3%A1ctica\\_do\\_portugu%C3%AAs\\_l%C3%ADngua\\_n%C3%A3o\\_materna](http://www.academia.edu/1453098/Dos_Semeadores_da_Palavra_o_ensino_do_Portugu%C3%AAs_junto_dos_Gentios_contributo_para_uma_hist%C3%B3ria_da_did%C3%A1ctica_do_portugu%C3%AAs_l%C3%ADngua_n%C3%A3o_materna) consultado em 25-05-2015, [consultado em 25-05-2015].

LEITE F., R. (2013). *A Língua Geral Paulista e o “Vocabulário Elementar da Língua Brasília”*. Disponível em <http://www.etnolinguistica.org/tese:leite-2013>, [consultado em 12-02-2015].



LÉRY, J., de. (1980) *Viagem à Terra do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia. Disponível em [http://www.ufrgs.br/proin/versao\\_1/viagem/index04.html](http://www.ufrgs.br/proin/versao_1/viagem/index04.html), [consultado em 23-06-2015].

LOPES, N. (1942). *Dicionário escolar afro-brasileiro*. Selo Negro edições, São Paulo- SP. Disponível em <https://www.google.pt/search?tbm=bks&hl=ptPT&q=dicion%C3%A1rio+escolar+afro+negro>, [consultado em 22-05-2014].

LUCESI D. (s.d.) *Africanos, criolos e a língua portuguesa*. Disponível em <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/209/1/O%20Portugues%20Afro-Brasileiro.pdf>, [consultado em 17-06-2014. Pg.169].

LUCESI D. (2001). *As Duas Grandes Vertentes da História Sociolinguística do Brasil (1500-2000)*. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44502001000100005> , [consultado em 22-05-2015].

LUCCOCK J. § Dr. BAPTISTA C., A., N. (1818). *A Grammar and Vocabulary of the Tupi Language*. Disponível em <http://arrow.latrobe.edu.au/store/3/4/5/1/9/public/B17523072.pdf>, [consultado em 23-06-2015].

LUFT, C. P. *Dicionário gramatical da língua portuguesa*. 2. ed., Porto Alegre: Globo, 1971. MICHAELIS. Dicionário Michaelis da língua portuguesa, Rio de Janeiro: DTS Software Brasil Ltda., versão electrónica, 1998.

MAAKAROU E., de F. (2005). *Maracatu- Ritmos Sagrados. Belo Horizonte, Escola de Belas Artes*. Disponível em [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=61799](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=61799), [consultado em 22-06-2015].

MENDONÇA, R. (1935). *A influência africana no português do Brasil*. 2ª edição ilustrada com mapas e gravuras. Companhia editora Nacional, São Paulo.

MOREIRA, C., M. *A influência do tupi na formação do português do Brasil*. Disponível em [www.filologia.org.br/cluerj-sg/anais/ii/.../3/cristianomarinsmoreira.pdf](http://www.filologia.org.br/cluerj-sg/anais/ii/.../3/cristianomarinsmoreira.pdf), [consultado em 21-12-2014].

NASCIMENTO E., L. (2008). *Cultura em Movimento: Matrizes africanas e ativismo negro no Brasil*. Editora Negro Edições, São Paulo. pg. 31. Disponível em [http://en.wikipedia.org/wiki/Maxixe\\_%28dance%29](http://en.wikipedia.org/wiki/Maxixe_%28dance%29), [consultado em 13-06-2014].

NUNES J. H., *Formação do Léxico e Saber Linguístico*. Disponível em [http://www.iel.unicamp.br/cefiel/alfaletas/biblioteca\\_professor/arquivos/43Formacao%20do%20Lexico%20e%20Saber%20Linguistico.pdf](http://www.iel.unicamp.br/cefiel/alfaletas/biblioteca_professor/arquivos/43Formacao%20do%20Lexico%20e%20Saber%20Linguistico.pdf), [consultado em 04-03-15].

NUNES J., H. (1996). *Discurso E Instrumentos Linguísticos no Brasil: Dos Relatos De Viajantes Aos Primeiros Dicionários*. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/264149043/Discurso-e-instrumentos-linguisticos-no-Brasil-Nunes-Tese-pdf#scribd>, [consultado em 09-08-15].

ROHAN V., de B. (1889). *Dicionário de Vocábulos Brasileiros*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional. Disponível em <https://archive.org/stream/diccionariodevo00rohagoog#page/n9/mode/2up>, [consultado em 16-03-2015].

RIBEIRO L., R., A. (FURG). (2009) *Lendas Indígenas como Ferramenta de Ensino de E/le*. Disponível em [http://www2.ufpel.edu.br/cic/2009/cd/pdf/LA/LA\\_00026.pdf](http://www2.ufpel.edu.br/cic/2009/cd/pdf/LA/LA_00026.pdf), [consultado em 22-06-2015].

RODRIGUES J., B. (1892). *Vocabulário indígena comparado para mostrar a adulteração da língua (complemento do Poranduba Amazonense)*. Disponível em <http://www.etnolinguistica.org/biblio:rodrigues-1892-vocabulario>, [consultado em 25-05-2015].

RODRIGUES R., N. (1935) *O animismo fetichista dos negros baianos*, Rio de Janeiro, UFRJ/Biblioteca Nacional.

RODRIGUES N., R. (1932) *Os africanos no Brasil*. Disponível em <https://books.google.pt/books?id=JXluBAAAQBAJ&pg=PT178&lpg=PT178&dq=charanga+a+africana&source=bl&ots=OdfOHwbIXj&sig=cb2bVYRzyted9TfkgcEhj8J34Qs&hl=ptPT&sa=X&ei=vl7KVImEMbnUrgdgB&ved=0CCcQ6AEwAjgK#v=onepage&q=charanga%20africana&f=false>, [consultado em 29-01-2015].

RODRIGUES, N., R. (1932). *Os africanos no Brasil* (revisão e prefácio de Homero Pires). Companhia editora Nacional, São Paulo.

SAMPAIO T. (1901) *Tupi na Geographia Nacional*. Disponível em <http://www.etnolinguistica.org/biblio:sampaio-1901-tupi>, [consultado em 23-06-2015].

SEABRA M., C., T., C. § LIMA E., C. A Toponímia De Origem Africana em Minas Gerais. Disponível em

SILVA M., A., P., T. da (2012). Contos e Lendas Populares Portugueses nas Aulas de PLE. Disponível em <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/68567>, [consultado em 06-10-2015].

<http://150.164.100.248/gtlexNovo/data1/arquivos/MariaCandidaTrindadeCostadeSeabraeEmanoelaCristinaLima.pdf>, [consultado em 22-06-2015].

SEIKI L. (2000). Línguas Indígenas do Brasil no Limiar do Século XXI. Disponível em [www.etnolinguistica.org/artigo:seki-2000](http://www.etnolinguistica.org/artigo:seki-2000), [consultado em 11-03-2015].

SOUSA A., J., c. (1937): *Os mitos africanos no Brasil: ciência do folclore*. Disponível em <http://www.brasiliana.com.br/obras/os-mitos-africanos-no-brasil-ciencia-do-folclore>, [consultado em 19-06-2014].

SOUSA G., S. (1851) *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me003015.pdf>, [consultado em 25-05-2015].

TAYLOR G. (1985). *Apontamentos Sobre o Nheengatu Falado no Rio Negro, Brasil*. Disponível em [http://www.vjf.cnrs.fr/sedyl/amerindia/articles/pdf/A\\_10\\_01.pdf](http://www.vjf.cnrs.fr/sedyl/amerindia/articles/pdf/A_10_01.pdf), [consultado em 08-04-2015].

VICENTE, G., Feio, J., V., B., Monteiro., J., G. (1934). *Obras de Gil Vicente: Das farças. Das obras várias*. Havard College Library, Boston. Disponível em [https://books.google.pt/books?id=iDNEAAAACAAJ&pg=PA1&hl=pt-PT&source=gbs\\_selected\\_pages&cad=2#v=onepage&q&f=false](https://books.google.pt/books?id=iDNEAAAACAAJ&pg=PA1&hl=pt-PT&source=gbs_selected_pages&cad=2#v=onepage&q&f=false), [consultado em 17-06-2014].

[Em linha] *Dicionário ilustrado Tupi Guarani*. Disponível em <http://www.dicionariotupiguarani.com.br/dicionario/capivara/>, [consultado em 14-06-2015].

[Em linha]. Disponível em [http://en.wikipedia.org/wiki/Maxixe\\_%28dance%29](http://en.wikipedia.org/wiki/Maxixe_%28dance%29), [consultado em 13-06-2014].

[Em linha] 2012. *Alecrim internacional. Lendas Brasileiras para Crianças no Exterior*. Disponível em <http://www.alecrimbrasil.org/Lendas.htm>, [consultado em 28-02-2015].

[Em linha]. *Ministério das Relações Exteriores. Brasileiros no Mundo*. Disponível em <http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/educacao/portugues-no-exterior/#Espanha>, [consultado em 22-06-2015].

## Lista de Tabelas

Tabela 1- Os municípios do estado de Minas Gerais<sup>99</sup>

Capital	Belo Horizonte
População estimada 2013	20.593.356
População 2010	19.597.330
Área (km <sup>2</sup> )	586.522,122
Densidade demográfica (hab/km <sup>2</sup> )	33,41
Número de Municípios	853

Tabela 2<sup>100</sup>- Campo das Vertentes: relação de topónimos por municípios

Município	Acidente	Topónimo	Origem	Taxionomia
António Carlos	Córrego	Farofa	Origem incerta	Ergotopónimo
	Localidade	Quilombinho	Híbrido	sociotopónimo
	Córrego	Candonga	Banto	Animotopónimo / antropotopónimo
	ribeirão	Candonga	banto	animotopónimo/ antropotopónimo
	Córrego	Monjolo	banto	sociotopónimo/ Ergotopónimo/ Antropotopónimo
	Córrego	Monjolo	Banto	Sociotopónimo/ ergotopónimo/ Antropotopónimo
Carnaíba	Córrego	Calunga	Banto	Hierotopónimo/ geomorfotopónimo Ergotopónimo/ Antropotopónimo
	Localidade	Calunga	Banto	Hierotopónimo/ Geomorfotopónimo/ Ergotopónimo/ Antropotopónimo

Tabela 3<sup>101</sup>- Central Mineira: relação de topónimos por municípios

Município	Acidente	topónimo	Origem	Taxionomia
	Córrego do	Monjolo	Banto	sociotopónimo/ ergotopónimo/ antropotopónimo
	Fazenda do	Monjolo	Banto	sociotopónimo/ ergotopónimo/ Antropotopónimo
Augusto de	Fazenda	Cafundó	Banto	Geomorfotopónimo/

99 Disponível em <http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=mg#> [consultado em 14-06-14].

100 Tabela retirada da Tese de Emanoela Lima. *A toponímia africana em Minas Gerais*, pg.66

101 Tabela retirada da Tese de Emanoela Lima. *A toponímia africana em Minas Gerais*, pg.73

Lima				Animotopónimo
	Córrego	Mocambo	Banto	Sociotopónimo
	Córrego	Monjolinho	Híbrido	Sociotopónimo/ Ergotopónimo/ Antropotopónimo
	Córrego do	Quilombo	Banto	Sociotopónimo
Buenópolis	Córrego	Macacos	Banto	Zootopónimo
	Fazenda	Macacos	Banto	Zootopónimo
	Serra dos	Macacos	Banto	Zootopónimo
	Córrego	Marimbondo	Banto	Zootopónimo
	Localidade	Marimbondo	Banto	Zootopónimo
	Córrego	Marimbondo	Banto	Zootopónimo
	Fazenda	Mocambo	Banto	Sociotopónimo
	Localidade	Mocambo	Banto	Sociotopónimo
	Córrego	Quilombo	Banto	Sociotopónimo

Tabela 4- Jequitinhonha: relação de topónimos por municípios<sup>102</sup>

Município	Acidente	Topónimo	Origem	Taxionomia
Almenara	Córrego do	Macaco	Banto	Zootopónimo
Angelandia	Córrego do	Quilombo	Banto	Fitotopónimo/ Zootopónimo/ Hodotopónimo/ Animotopónimo
Araçuaí	Córrego do	Bengo	Banto	Fitotopónimo/ Zootopónimo/ Hodotopónimo/ Animo topónimo
	Córrego do	Bengo	Banto	Animo topónimo
	Córrego do	Condonga	Banto	Antropotopónimo
	Córrego do	Macaco	Banto	Zootopónimo
	Fazenda	Mocambo	Banto	Sociotopónimo

## Tabelas capítulo II

Tabela 1-Os mamíferos indígenas do Brasil

Nome	Nome vulgar	Vocábulos tupis	Significado
<i>Suguaçu</i>	Nome tupi	Çoo= animal	Animal grande

102 Tabela retirada da Tese de Emanoela Lima. *A toponímia africana em Minas Gerais*.pg.77 . Disponível em <http://150.164.100.248/gtlexNovo/data1/arquivos/MariaCandidaTrindadeCostadeSeabraeEmanoelaCristinaLima.pdf> [consultado em 22-06-2015].

	utilizado para designar veado.	<i>Guaçu</i> ou <i>açu</i> = grande	
<i>Paca</i>	Roedor da família dos caviídeos.	<i>Verbo tupi pág= acordar ou despertar</i>	Paca é a esperta, a vívida.
<i>Iagoáretê</i> ou <i>Jaguaretê</i>	<i>A onça pintada, felino parecido com o tigre asiático.</i>	<i>Jaguar= Cão ou onça</i> <i>Etê= verdadeiro</i>	Cão verdadeiro
<i>Tamanduá</i>	<i>Tamanduá</i>	<i>Ta</i> contração de <i>Tacy= formiga e monduar= Caçador</i>	Caçador de formigas.
<i>Tatu</i>	<i>Tatu</i>	<i>Ta-tu= casca encorpada ou densa</i>	
<i>Eirara</i>	<i>Iara ou papa-mel</i>	<i>Íra ou eira= mel e ra= tomar ou colher</i>	O que colhe mel, o papa-mel.
<i>Coati</i>	<i>Cuati</i>	<i>áqua= ponta tê= nariz</i>	Animal de nariz pontudo, de aparência similar aos macacos.
<i>Jibóya</i>	<i>Gibóia</i>	<i>Yibói= cobra d 'água</i>	<i>Serpente terrestre brasileira</i>

(Cardim, 1925: 111-116)

Tabela II- **Aves terrestres**

Nome	Nome vulgar	Vocábulos tupis	Significado
Arara		<i>Ara</i> ou <i>guirá</i> = passáro	<i>Ará-ra</i> = Passáro grande
Guiraponga	Araponga	<i>Guirá</i> = passáro <i>ponga</i> = sonante	Passáro sonante
Tangará	Tangará	<i>Atá</i> = andar, <i>carã</i> = em volta.	O que anda aos saltos o pulador. (apud Sampaio)
Nhandugoaçu	Ema ou avestruz	<i>Nhan</i> = corre, <i>tu</i> = estripitante, <i>ub</i> = perna e <i>guaçu</i> = grande.	A que corre

(Cardim, 1925: 119-122)

Tabela 3- **Árvores de fruto**

Nome	Nome vulgar	Vocábulos tupis	Significado
Acaju	Cajú	<i>Açã</i> = caroço <i>yu</i> ou <i>yub</i> = que dá, que tem	Fruta succulenta e carnuda.
Jaboticaba	Jabuticaba	de <i>Yauti-yuaba</i> = a	Fruta com caroço

		comida do Kágado	(ver)
--	--	------------------	-------

(Cardim, 1925: 122-123)

Tabela 4-**Vegetais úteis**

<b>Nome</b>	<b>Nome vulgar</b>	<b>Vocábulos tupis</b>	<b>Significado</b>
Naná, ananás	Abacaxi	Na-nã= cheira bem	Fruta que cheira bem
Pacoba ou Pacóva	Bananeiras indígenas	Pac-oba= folha de enrolar	
Mangará		Yba- carã= fruto redondo	
Ianipaba	Genipapo	Nhandipab= fruto de esfregar.	Fruto que serve para pintar

(Cardim, 1925: 127-130)